



Leve

eduepb

ANO 3 | Nº 4
dez 2019



Fundação
Carlos Chagas

Itaú Social

tertúlia

juntos sabemos mais

nesta edição

MEMÓRIA

*o passado
é ponto de partida
para novas
histórias!*

ISSN 2594-455X



9 770025 944559



conto
crônica
poema
resenha
entrevista
opinião



**Nossa vida é baseada em
recordações, não há futuro
se não há um passado
a ser lembrado.**

- Sarah Silva |
Escola Major Veneziano



Caro/a leitor/a, chegamos a 4ª edição da Revista Tertúlia com muitas novidades para contar. A primeira novidade diz respeito ao apoio financeiro. Quem nos acompanha sabe que a Revista Tertúlia é um periódico do Projeto Desengaveta Meu Texto. Este projeto atualmente tem sido realizado com apoio e financiamento da Fundação Itaú Social em parceria com a Fundação Carlos Chagas, no âmbito do “Edital de Pesquisa Anos finais do ensino fundamental: adolescências, qualidade e equidade na escola pública”. Graças a robustez desse apoio crescemos e irradiamos nossas luzes para outros contextos (próximos e/ou distantes), alcançando um número maior de leitores. Assim, nossa segunda novidade diz respeito ao campo de abrangência. Hoje, estamos presente na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, especificamente na 3ª Gerência Regional, situada na cidade de Campina Grande, abrangendo cinco escolas públicas localizadas na periferia da cidade, atendendo alunos entre 11 e 14 anos de idade. Nossa terceira novidade diz respeito ao nosso público-alvo. Antes, acolhíamos alunos das diversas etapas da Educação Básica. Agora, devido ao edital de financiamento, abrangemos de modo mais específico os alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º anos). Isso nos aponta para um caminho com metas mais claras e objetivas, quais sejam: propor soluções efetivas e eficazes para as dificuldades de aprendizagens de leitura e escrita desses alunos. A escolha pelos anos finais é motivada pela falta de atenção das políticas públicas sobre essa etapa.

Fora as novidades, consolidamos algumas escolhas. A primeira diz respeito ao tripé organizacional da Revista. Continuamos recebendo textos de alunos (especificamente dos anos finais), professores (de todas as áreas) e convidados (público em geral, inclusive alunos de outras etapas escolares). A segunda diz respeito à temática. Continuamos trabalhando sob o guarda-chuva de uma temática central. Assim, a temática que norteia essa 4ª edição é “Memória: o passado é ponto de partida para novas histórias”. Por essa razão, o/a leitor/a encontrará diversos gêneros (crônica, memória literária, poema, depoimento...) que trazem a memória à tona.

Por fim, não tenho dúvidas de que esta tem sido a melhor edição da Revista até o momento. Graças ao esforço coletivo dos alunos, professores, diretores, coordenadores, secretários, instituições, colaboradores e toda a equipe editorial da Revista. Sinto que o/a leitor/a encontrará um pouco de si nas páginas que seguem. Afinal de contas, quem não tem um passado para contar, para relembrar, para reviver ou até mesmo para esquecer? Interaça conosco e compartilhe suas memórias.

Patricia Rosas



Às reuniões informais e periódicas as quais se juntam pessoas com interesses comuns para debaterem, trocarem informações e opiniões dá-se-lhes o nome de TERTÚLIAS | Fonte: conceito.de



© Tertúlia é uma publicação periódica do Projeto Desengaveta Meu Texto: Ações de incentivo à leitura, produção e circulação do texto do aluno e do professor. Desengavetamos textos, sonhos e oportunidades. Campina Grande. Paraíba. Brasil | desengavetameutexto.org

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL



editorialeve.com

CONSULTORIA EDITORIAL E DIVULGAÇÃO



eduepb.uepb.edu.br/

CONSULTORIA CULTURAL E APOIO INSTITUCIONAL



proreitorias.uepb.edu.br/procult/



DISTRIBUIÇÃO E USO LIVRES. FOTOS DO ACÉRVO DESENGAVETA. Imagens © Envato Elements. Administrado por © Editora Leve.



CONSELHO EDITORIAL

ADAIL SOBRAL | FURG
AMASILE COELHO L. C. SOUSA | UEPB
ANA LÚCIA SOUSA NEVES | UEPB
ANA MARIA MACHADO | ABL
ANA PAULA CAVALCANTI MUNIZ | SEECT
BRUNO GAUDÊNCIO | ALCG
CARLOS ROBERTO | SEECT
DENISE LINO DE ARAÚJO | UFCG
DIEGO SEVERO | SEECT
EDILBERLANE DINIZ ABRANTES | SEECT
GUILHERME PANHO | UFPE
ISABELLE DE ARAÚJO PIRES | SEECT
JAIDETE DIAS DE SOUSA | SEECT
JAIRÓ CÉSAR | SEECT
JOÃO WANDERLEY GERALDI | UNICAMP
JOSÉ CRISTOVÃO ANDRADE | UEPB PROCULT
JOSÉ HELDER PINHEIRO | UFCG
JOSÉ HILTON SILVA DANTAS | SEECT
JOSEMIR CAMILO | ALCG
JURANI CLEMENTINO | ALCG
LEONOR WERNECK DOS SANTOS | UFRJ
LINAIRA SANTOS HERMÍNIO | SEECT
LUCIANO NASCIMENTO | EDUEPB
LUCIENE MARIA PATRIOTA | UFCG
MAILSON FURTADO VIANA | CIA C. ARTE
MANASSÉS MORAIS XAVIER | UFCG
MARCOS BAGNO | UNB
MARIA APARECIDA VIDAL | SEECT
MARIA AUGUSTA REINALDO | UFCG
MARIA HELENA MOURA NEVES | UNESP
MARIA VALÉRIA REZENDE | C. FEM. LITÉR.
MIRTES WALESKA SULPINO | ABES
MONIQUE ALVES VITORINO | IFPB
PATRÍCIA SILVA ROSAS DE ARAÚJO | UFCG
PATRÍCIO ALBUQUERQUE VIEIRA | IFPE
PEDRO FARIAS FRANCELINO | UFPB
RENATA JUNQUEIRA DE SOUZA | UNESP
SANDRA SUSANA | SEECT
TELMA GALDINO | SEECT
VERA LÚCIA BATALHA | UNITAU

ALUNOS CONVIDADOS

ALESSANDRO CAMILO
ALUSKA DE SOUZA PEREIRA
ANA CLÁUDIA DOS SANTOS
CINTHIA CIBELY GOMES
DUDA SOUZA
MARIA EDUARDA SILVA
MARY CORREIA

COORDENAÇÃO

LINALDO B. NASCIMENTO | EDITORIAL
PATRÍCIA S. ROSAS ARAÚJO | PEDAGÓGICA

© Revista Tertúlia | Juntos sabemos mais!



4

Memória



20

Entrevista



32

Comunidade

Bruno Gaudêncio | O lugar da memória é na escola | 32

Mirtes Sulpino | Há um rio na minha infância | 33

Ernani Terra | Papicha | 35

Catharie B. de Souza | Memória: nossa maior inimiga ou nossa maior aliada | 36

Jurani Clementino | Memórias de um escritor | 36

Tiago Monteiro | No alpendre de nenzinha | 38

Mailson Furtado | à cidade | 39

Efígenio Moura | Do tempo de... | 39

Sammelly Xavier | Carta pessoal | 41

... e mais

Desengaveta Cordel | 13

Os números da dura realidade da educação no Brasil | 16

Desengavetando as Receitas da Vovó | 27

Memórias da Tertúlia | 42

ENTREVISTA
Iêda Lima: Um olhar no retrovisor e outro na estrada | 43

Escrever à mão faz bem para o cérebro | 47

Índice de autores | 47



8

Conto



22

Opinião



10

Crônica



24

Especial

Que cheiro sua avó tem?



14

Poema



28

Alunos

Convidados



17

Resenha



30

Professores



Olá Pessoal, tudo bem com vocês?

Gostaria de fazer um breve comentário sobre a 3ª edição da Revista Tertúlia. Não quero falar de um texto específico, mas da edição em si. Percebi que cada texto escrito carrega um pouco da história de seus escritores. Escritores jovens, mas que souberam usar o papel e a caneta para revelar um pouco de si. Assim, encontramos textos sobre amizade, sobre a relação pai e filhos, sobre amores, sobre a vida cotidiana, sobre viagens e profissão.

Eu já escrevi para a Revista Tertúlia como aluna. Hoje, escrevo como convidada. Isso porque terminei o ensino fundamental e agora curso o ensino médio. Tive a grande alegria de ser escolhida como Jovem Aprendiz do Banco do Brasil, graças as ações do Projeto Desengaveta Meu Texto, e hoje transito entre o mundo das letras e o mundo do trabalho administrativo.

Penso que os alunos que hoje escrevem na Revista não podem se intimidar. Não podem deixar alguém calar a sua voz. Muito pelo contrário, devem acreditar no poder da mobilização artístico-literário que seus textos podem causar. Pensando nisso, tenho três conselhos para os novos escritores: 1º) acreditem em seus sonhos, lutem sempre pelo seu futuro. Ele começa na ponta do lápis; 2º) nunca se prenda demais a opinião dos outros, pois muitas pessoas não querem a sua felicidade; 3º) escrevam com a verdade do seu coração, ou melhor, com a verdade de suas vidas.

Acredito que nesta nova edição encontraremos mais escritores e suas histórias incríveis.

Boa leitura a todos!

Ana Carla Silva |

Aluna desengavetadora e Jovem Aprendiz do Banco do Brasil

Da capa à revista!

Autodidata, fotógrafa artístico e comercial, Andrea Carolina Sanchez Gonzalez (1983), é natural de Bogotá e atualmente reside em Cajicá – Colômbia.

Desde 2010 desenvolve a fotografia de uma maneira diferente, suas imagens se caracterizam por composições simples, de cores únicas e incomuns no pós-processamento de efeitos fotográficos.

Seus projetos tem como fio condutor, a manipulação de cores, luz natural, efeitos digitais e texturas, os mesmos tem o propósito de transmitir novos significados estéticos aos objetos.

As fotografias com os ‘macarons’ (pequenos doces franceses), são de composição simples, mas forte, pois sempre cativaram visualmente a fotógrafa pela sua delicadeza, coloração e formas geométricas.

Ao bom gosto, o projeto com objetos retrô (faz menção a peças novas que foram inspiradas em épocas passadas) e vintage (diz respeito a tudo que tenha ao menos vinte anos, mas menos de 100), a ideia da fotógrafa era recuperar a simplicidade estética dos objetos e transferi-la para uma imagem mais colorida e viva, sem perder a nostalgia do passado.

Influenciada pela arte infantil, seus trabalhos apresentam a utilização de cores pastéis vivas e alegres. Entre elas, a cor rosa, que ao longo do tempo tem desenvolvido digitalmente matiz, tons e saturação dessa cor.

Mantendo a tradição, a capa da Tertúlia remete ao passado, através de obras de arte ou ilustrações clássicas, e a contracapa apresenta uma imagem real, com temas que abordam a atualidade ou futuro!

Por Guilherme Panho
MESTRE EM ARTES VISUAIS

Há muitos anos, em diferentes países, cidades e aldeias, mulheres, homens, mas, sobretudo mulheres, reuniam, geralmente em círculos, jovens e crianças para contar histórias. Histórias sobre suas tradições, sobre sua cultura e antepassados. Muitas vezes, essas histórias serviam para fugir da fome, do frio, do medo e da falta de esperança. Quando as mulheres negras vinham da África, por exemplo, covardemente escravizadas ao lado de seus filhos, eram transportadas em navios chamados de tumbeiros. Eram navios de médio porte, que tinham uma parte superior e um porão, onde viajavam os “pretos”. As condições eram as

piores. Pouco espaço, pouca água, pouca comida e condições de higiene precárias. Para suportar o insuportável, as mães arrancavam de suas saias um pedaço de tecido e com ele confeccionavam, com nós, bonecas chamadas de abayomi, que significa encontro precioso. De posse das bonecas, as crianças brincavam e sonhavam com comida, água, sua casa, seus pertences e, principalmente, liberdade. Como podemos ver, desde sempre, a arte, notadamente a literatura, é um instrumento de resistência e de esperança para o povo. Quando ela chega às salas de aula, a esperança abstrata, se transforma em sonhos de carne e osso. A importância das políticas de leitura e escrita para sociedade é tão vital quanto as políticas de educação. Aliás, o incentivo à leitura literária na escola e os projetos que visam acesso ao livro e à biblioteca são a chave para o sucesso das demais estratégias para uma educação de qualidade. Quando leio a Revista Tertúlia não vejo páginas com textos escritos, vejo a história que as velhas contadoras transmitiam para salvaguarda das nossas raízes culturais. Quando compreendo o arcabouço no qual ela está ancorada, vejo o sonho e a esperança ganharem novos contornos. Antônio Candido já dizia que a literatura é um direito humano. É como o pão, que não deve faltar na mesa. A luta por uma sociedade leitora é uma luta que deve ser de todas e todos que querem um país mais justo, melhor e mais sensível.

Por uma Paraíba leitora!

Jairo César | Professor e Escritor





Chama-se relato de memórias ao gênero de literatura em que o narrador conta fatos da sua vida. É tipicamente um gênero do modo narrativo. - Wikipédia

Memória



QUANDO OS ANJOS SE MACHUCAM

Mary Correia



Quero contar um pouco sobre a minha história. O recorte que faço se passou no ano de 2010, quando eu ainda tinha 7 anos de idade. Nessa idade, eu já estudava na atual escola. E mesmo pequena me incomodava com as críticas que as pessoas faziam sobre o meu cabelo. Ele era volumoso e eu gostava de usar uma tiara. Mas meus colegas ficavam zoando de mim. Já recebi até agressão física por causa disso. Mas poucos acreditavam no meu sofrimento. Nem as pessoas que eu amo me davam crédito.

Todas aquelas agressões me entristeciam muito e me afastavam das pessoas. Passei a ficar quieta e não gostava de interagir com meus colegas. Com o passar do tempo, já na adolescência, percebi que aqueles mesmos garotos que antes me agrediram, passaram a se interessar por mim.

No entanto, um garoto me envolveu com suas palavras. Ele era muito esperto e sabia como me seduzir. Para me conquistar, ele me prometeu o paraíso. E como um anjo de

candura, eu acreditei e voei para os seus braços. Quando descobri que o paraíso não passava de uma ilusão, cai no chão e me machuquei profundamente. Ainda hoje carrego marcas dessa dor.

Hoje, com dezesseis anos, me sinto livre para recomeçar a amar. Mas aquele garoto vive preso às suas próprias ilusões, amargurando suas próprias escolhas erradas. Eu, porém, sigo livre para abraçar o que a vida pode me oferecer de melhor. Os anjos podem até se machucar, mas também sabem como dar a volta por cima e voltar a voar.

OS LUGARES POR ONDE PASSEI

Luiza Lima Neves

Alguns lugares marcaram a minha vida. Eu tenho lembranças de uma casa muito grande, com vários quartos. Eu gostava do cheiro que exalava das paredes e do conforto que a casa proporcionava. Mas eu também tinha medo dessa casa, pois achava ela muito escura.

Eu também me lembro de uma escola onde estudei. Eu sentia muito medo de estudar lá, pois todos diziam que aquela escola havia sido construída sobre um cemitério. Apesar disso, fiz várias amizades.

Lembro de outra casa onde moramos. Esta era pequena, mas tinha um quintal muito grande, onde eu costumava correr com o meu cachorro. No quintal havia muitos pés de frutas: goiaba, acerola, banana, mamão... Nessa casa tive o primeiro contato com a internet.

Atualmente, estou morando com a minha família! Com certeza, a casa mais especial de todas!

A escola onde estou neste exato momento escrevendo este texto é outro lugar que merece destaque na minha vida. Não pretendo sair daqui até terminar meu Ensino Médio. A escola não é perfeita, mas aqui aprendi coisas que vou levar para a vida toda, principalmente as amizades.

VELHOS E NOVOS AMIGOS

Leonardo Ernesto



Eu morava no Rio de Janeiro e tinha muitos amigos por lá. Certo dia, a minha mãe quis vir morar na Paraíba. Ela comprou as passagens e viajamos de avião para a Bahia, depois pegamos outro avião para Recife e, por fim, pegamos um carro com destino à Paraíba. Ao chegar aqui, reencontrei a felicidade.

Minha mãe me matriculou e passei a estudar e a conhecer vários amigos. Mas ainda guardo no peito a saudade da cidade que deixei para trás.

Com o passar do tempo, me acostumei com a Paraíba e hoje participo de um projeto chamado “Desengaveta meu Texto”. Sou muito feliz com essa nova escola que estou estudando e com os novos amigos que conquistei. A mudança me tirou do convívio dos amigos que tanto estimava, mas também me deu a oportunidade de conhecer outros amigos e assim ampliar meu ciclo de amizade.

PALAVRAS QUE NOS LEVANTAM

Rayssa Ellen

Quando eu tinha oito anos de idade, no finalzinho da tarde, minha mãe mandou eu colocar comida para os pintinhos que viviam lá no quintal da minha casa. Sem perceber, pisei em cima de um pintinho e ele morreu. Naquele instante senti uma tristeza e comecei a chorar. Achei que minha mãe iria brigar comigo e me culpar. Mas ela foi compreensiva e disse: “Tudo bem, filha. Você não teve culpa”. Com aquelas palavras me senti encorajada. As palavras dela me trouxeram confiança. Eu podia seguir em paz.

É isso. Algumas palavras podem nos levantar ou derrubar. Depende de quem fala e do momento que estamos passando.



A leitura ainda é o melhor exercício para estimular a memória de um indivíduo. Supera a prática de outras atividades, como xadrez e palavras-cruzadas, em muito. | IZQUIERDO |

GUIA DO ESTUDANTE ABRIL



A LEMBRANÇA QUE NÃO DÓI

Sara Brithian

Certo dia, acordei bem cedo para ir à escola. No caminho, esbarrei num garoto e começamos a nos falar por um bom tempo.

Depois de alguns meses, comecei a gostar dele e ele de mim. Era um amor inocente, meu peito ardia de vontade de estar com ele. Mas me senti insegura quando ele me pediu formalmente em namoro. A diferença de idade entre nós era grande. Desde então, não nos víamos mais.

Fiquei triste. Senti a falta dele e a dor rasgava o meu peito. Por muito tempo fui sendo consumida pela saudade que aumentava a cada instante. Hoje, com o passar do tempo, a lembrança dele não me faz sofrer mais. Lembro, mas não sofro.

A BICICLETA LARANJA

Miquéias Hemderson

Eu tinha apenas seis anos quando minha mãe comprou uma bicicleta laranja para mim. Apesar de eu não saber andar, estava empolgado. Peguei a minha bicicleta e corri para o meio da rua. Eu me lembro que caí várias vezes. De repente, apareceu um menino desconhecido e me ajudou. Teve paciência comigo e com as minhas inúmeras quedas. Por causa da perseverança daquele desconhecido, até hoje eu sei andar de bicicleta. É como dizem: “Quem aprende andar de bicicleta nunca esquece”. E eu também não me esqueci daquele garoto desconhecido.



O DIA EM QUE PULEI O MURO

Ana Beatriz Alves

Um dia saí de casa para ir ao mercado. Quando voltei, minha mãe estava sentada na calçada me esperando. Foi aí que vi o problema que tinha causado. Fechei o portão, mas esqueci a chave do cadeado dentro de casa.

Minha mãe estava muito brava. E eu tinha que resolver aquela situação. Então, não tive escolha. Pulei o muro da minha casa. Não foi nada fácil, mas foi melhor pular o muro do que levar uns puxões de orelha da minha mãe.

O AMOR DE MÃE MUDA TUDO

Cinthia Cibely

Quando pequena, morei em vários lugares. O primeiro lugar que gostaria de falar é a casa da minha avó paterna. Lá eu me sentia bem acolhida e muito amada pela minha tia. Eu gostava de chama-la de mãe, porque ela fazia muito bem esse papel na minha vida durante o tempo em que eu morei com ela. Mas, mesmo me sentindo feliz lá, às vezes eu me sentia sozinha porque não podia sair e brincar com meus amigos na rua. Apesar disso, era um lugar bom e ainda hoje me faz falta.

Passou-se um tempo e eu passei a morar com minha avó materna. Não era muito longe da casa da minha avó paterna, assim eu mantinha contato com minha tia e minha

avó paterna. Nessa segunda casa, eu me sentia mais livre, pois minha avó materna não era de me prender muito e eu ficava feliz em poder brincar na rua com meus amigos. Às vezes, eu ficava triste quando minha avó reclamava comigo. Porém, eu sempre reconhecia meus erros.

Depois de um tempo morando na casa da minha avó, reencontrei minha mãe e isso me fez tão feliz. Eu passei a morar com ela. E até hoje partilhamos o mesmo teto. O amor de uma mãe muda tudo. Acredito que devemos dar valor às pessoas que temos por perto porque tudo passa rápido demais, inclusive as pessoas que amamos.

CASA ANTIGA

Beatriz Nicolly

Na minha antiga casa, onde eu cresci, deixei muitas lembranças felizes e tristes. Deixei grandes amigos, familiares. Porém, o destino quis que eu me mudasse. E eu fiquei confusa, com medo e insegura com a mudança de casa. Não sabia o que a nova casa me reservaria.

Na verdade, ainda não sei o que o futuro me reserva. Mas sei que neste novo lar já fiz muitas amizades que não vão terminar tão cedo.





*A vez
e Voz
do Aluno*

Aplicativo

**"24H NO AR COM
PROGRAMAÇÃO AUTOMÁTICA
E TRANSMISSÕES AO VIVO!"**
radio.desengavetameutexto.org





Conto



Curta narrativa fantasiosa, em prosa, com um só conflito e ação e poucos personagens. - Aurélio

O NAVIO MAL-ASSOMBRADO

Marcos André Melo

Diz a lenda que existia um navio amaldiçoado ancorado no porto da velha cidade “Fantasmal”. O tal navio era assombrado e cheio de armadilhas. Porém, alguns marujos não davam bola para o falatório do povo e corajosamente moravam no navio abandonado. No entanto, certo dia, muitas coisas estranhas começaram a acontecer. O marujo que assumia o posto de capitão havia sumido e ninguém dava notícias dele. Depois de várias buscas, o encontraram. Ele estava assustado e contou para todos que fantasmas o tinham levado a um lugar tenebroso, lugar muito assustador. Enquanto ele falava, os canhões do navio começaram a atirar sem que ninguém os disparassem. Todos se assustaram e começaram a acreditar na lenda do navio mal-assombrado e passaram a dar crédito às palavras do capitão. Foi a maior correria. Todos queriam descer do navio. Mas este zarpou e ficou à deriva em alto mar por dois anos. Até que

foram resgatados. Mas ninguém reconheciam mais aqueles marujos. Eram homens ou fantasmas?

era uma vez na
flibo

O CORONEL

Katielle Cosme

Quando eu era criança, gostava de escutar meu avô contar histórias da sua época. Era fascinante ouvir aquelas histórias de suspense, aventuras e intrigas. Dentre as muitas histórias contadas, uma ficou na minha memória. Era a história do coronel. Este era muito violento e costumava beber. Ele também costumava agredir sua esposa e seu filho. E isso se repetiu por muitos anos.

Certo dia, o coronel chegou bêbado em casa e seguiu o ritual de espancar sua esposa e filho. Mas sua maldade foi além. O homem amarrou esposa e filho e os jogou no porão da casa. Na manhã seguinte, depois que se recuperou da ressaca, foi até o porão reparar a maldade que fez. No entanto, não encontrou ninguém. O coronel ficou com medo de ser responsabilizado pelo sumiço da família e não acionou a polícia. No entanto,

todos os dias ele ficava na porta de casa na esperança de reencontrar os dois. A espera foi em vão. O coronel envelheceu e nunca mais viu sua família. Teve que conviver com o remorso e a incerteza de não saber o que aconteceu. “Será que eles fugiram? Será que eles morreram?” – pensava o coronel. Mas até hoje nada se sabe.



O HOMEM DA BIBLIOTECA
Victoria Emanuely



Quando eu mudei de bairro, a primeira coisa que fiz foi circular pelas ruas para conhecer o lugar. Andei bastante. Conheci os supermercados, os campinhos de futebol, as praças, os monumentos históricos. Mas o que me chamou a atenção mesmo, foi uma biblioteca. Ela era linda e acolhedora. Tinha uma quantidade impressionante de livros.

Entrei, passei entre as estantes a procura de um livro legal. Puxei um livro, puxei outro e de repente dei de cara com um homem do outro lado da estante me observando. Ele era estranho. Seu olhar era assustador. Tinha um rosto pálido.

Eu soltei o livro na estante e saí correndo para casa.

No dia seguinte, antes de sair de casa, olhei pela janela para ver como estava o tempo. E qual foi a minha surpresa? Do outro lado da rua estava aquele homem me olhando fixamente. Fechei rapidamente a janela e resolvi não sair de casa.

Passados dois dias, fui à biblioteca novamente. Queria saber se aquele homem existia mesmo ou se era fruto da minha imaginação. Quando entrei na biblioteca, perguntei ao bibliotecário se ali teria entrado alguém com as características daquele homem misterioso.

O bibliotecário disse que nunca viu aquele homem por ali. E contou também que antigamente no terreno da biblioteca

existia um cemitério. Reza a lenda que os mortos que não terminaram de ler algum livro, eles devem procurar uma biblioteca para continuar a leitura.

E o bibliotecário me perguntou se eu acreditava naquela lenda. Eu prontamente respondi:

- Claro que não! Quem já viu um morto ler?!

E saindo de lá apressada, me decide a nunca mais deixar uma leitura pendente.



O BANHO
Katia Melissa



Um simples banho de chuveiro pode mudar a vida de alguém? Sim, mudou a minha vida. Tudo aconteceu num dia comum. Eu estava escutando música e tomado banho no banheiro da minha casa. A música estava um pouco alta, mas deu para escutar um barulho vindo da sala. O barulho não me incomodou e continuei. Alguns minutos depois, o barulho voltou e então resolvi baixar o som da música. Escutei passos e vozes. Achei que era minha avó falando ao celular e fiquei tranquila. Ao sair do banheiro, não reconheci a minha casa. Estava tudo revirado. Os móveis derrubados e muitos objetos estavam quebrados. Passei por entre os objetos no chão até a cozinha e gritei desesperadamente quando vi minha vó estendida no chão. Ela estava morta. Ao que parece, ela resistiu e lutou até o fim. Até hoje segue-se a investigação policial para descobrir quem cometeu aquele crime bárbaro. Apenas eu e minha avó morávamos naquela casa. Quem seria capaz de cometer tal maldade? Não sei, mas o que posso dizer é que de algum modo aquele banho salvou a minha vida.

BIBLOGAVETA ZÉ LAUTENTINO





Crônica



Histórias reais que expõe os fatos em narração simples e segundo a ordem em que eles vão acontecendo | Aurélio

SE ESSA RUA FOSSE MINHA, EU MANDAVA CALÇAR

Wanderson Santos

Eu moro no Sítio Luna, cidade de Queimadas. Minha rua é animada e iluminada, mas é ruim andar na rua quando está chovendo. Para ser sincero, ninguém sai de casa quando chove, por causa da lama. E se alguém inventa de sair de casa, o pé afunda no lamaçal. Vários carros já ficaram atolados. Inclusive o carro coletor de lixo da prefeitura. Para conseguir desatolar esse carro foi um sufoco. Também já presenciei várias quedas de pessoas tentando atravessar a rua.

Se essa rua fosse minha, eu mandava calçar. Para que em dias chuvosos, a gente pudesse passar.

NUMA MONTANHA RUSSA

Anna Madelyne

Minha vida é igual uma montanha russa; cheia de altos e baixos. Eu morava no bairro do Tambor, cidade de Campina Grande. Lá eu nasci e me criei. Sinto saudades de lá, dos meus amigos, da escola, dos meus parentes, e principalmente do meu pai.

Onde eu moro agora, no bairro Ligeiro, cidade de Queimadas, eu não tenho muitos amigos. Além disso, desde quando cheguei aqui, várias coisas me aconteceram, tanto coisas boas, quanto coisas ruins. Mas eu ainda não me sinto a vontade para comentar sobre isso.

Apesar das subidas e descidas dessa montanha russa que é a nossa própria vida, aprendi que devemos amar hoje e não guardar nossa felicidade para amanhã.

Hoje, o Ligeiro já faz parte da minha vida. É mais um capítulo da minha história.

A RUA SILVA JARDIM

Joana Darc Rodrigues

O lugar aonde moro não é bem uma rua, mas um beco. Faz muito tempo que moro lá e eu gosto muito. Existem algumas vantagens em morar num beco. Você conhece todo mundo e todos acabam sendo seus vizinhos. Na hora do aperto, todo mundo se ajuda. No entanto, morar num beco, também é um desafio, pois sofremos muito preconceito. Muitos nos julgam como pessoas perigosas. O preconceito nos rotula e nos leva a ficar à margem da sociedade.

Eu espero que todos que moram na Rua Silva Jardim tenham orgulho de morar lá, assim como eu tenho. O lugar onde a gente mora não define quem somos. Somos gente. E isso está acima de qualquer coisa, de qualquer preconceito.

O BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO

Aluska de Souza

Eu moro em Campina Grande, no bairro de José Pinheiro. Nesse bairro eu tenho vários amigos. Aqui você encontra muitos comércios (feira, farmácia, supermercado, frigorífico etc.) e lugares para visitar (praças, igrejas, quadras etc.). Sei que existe muitos boatos negativos sobre o meu bairro. Mas amo morar aqui. Se é o meu bairro, tenho que valorizar e ter estima por ele.

A RUA ONDE EU MORO

Kaue Kartier Simplício

A rua onde eu moro se chama Rua Castro Alves. Já houve muitas confusões nesta rua, muitos conflitos e muitos brigas. Mas no final tudo acaba bem. Quando eu era criança eu brincava demais com meus amigos, mas agora eu só vivo em casa jogando no celular ou fico trabalhando.

Quando é dia de festa junina, Copa do Mundo ou véspera de Ano Novo, todos os vizinhos se unem para protagonizar uma grande festa. Eles pintam o calçamento da rua, colocam bandeiras, acendem fogueiras, ligam o som e escutam músicas até tarde. Nesse momento, todos se confraternizam nas calçadas.

Apesar das confusões que aparecem, minha rua é ótima!

UMA ORAÇÃO POR ELA

Matheus A. Oliveira

Certo dia, eu estava caminhando perto do Açude Velho (cartão postal da cidade de Campina Grande) quando, sem querer, escutei uma conversa entre duas mulheres. Uma mulher muito bonita estava grávida e comentava com a sua

amiga que queria abortar o bebê, pois o pai era um homem casado e não tinha intenções de assumir a criança.

A amiga da mulher a aconselhou a abortar o bebê, pois caso a gravidez fosse adiante, isso poderia “deformar” o corpo dela. A amiga ainda endossou que uma gravidez iria atrapalhar as baladas e festas. “Tire logo esse filho antes que você comece a engordar”, disse a amiga para aquela mulher.

Eu fiquei chocado com aquela conversa. Fui para casa e orei a Deus pedindo socorro para aquela mulher. Pedi a Deus para que aquela mulher mudasse de ideia e seguisse em frente com a gravidez. Era um filho. Era uma vida.

Meses depois, Deus me deu a oportunidade de me reencontrar com aquela mulher. Eu não poderia esquecer aquele rosto. Eu fiquei muito surpreso quando vi em seus braços uma menina recém-nascida. Naquela mesma hora agradei a Deus e fiquei feliz por Ele ter escutado a minha oração. Embora jovem, fiz uma oração sincera. Por alguém que sequer conhecia.



A NOITE DE SÃO JOÃO

Gerlane Negreiros Sousa

Eu lembro de uma noite especial que passei na casa da minha avó. Era uma noite de São João. Nada aconteceu de extraordinário. Apenas uma família reunida conversando e partilhando conversas, tempo e amizade. A fogueira estava acesa e nela nós nos aconchegávamos para contar e ouvir histórias. E as melhores histórias eram sobre os nossos antepassados. Entre uma conversa e outra minha avó trazia aquelas comidas de milho gostosas que só ela sabia fazer: canjica, pamonha, cocada. Assim, entre um bate-papo e uma saborosa comilança, a noite parecia não acabar.

COMUNIDADE DO MASSAPÊ

Ivone de Oliveira

Eu moro no Massapê há 14 anos. Nessa comunidade temos poucos moradores. O lugar é muito verde, tem vários pés de árvores e alguns pés de frutas.

O lugar não é tão agitado, é um lugar calmo, afastado dos mercados, da padaria, da igreja. Quando a gente precisa ir nesses lugares, usamos a moto, pois ficam distantes. Porém, sempre damos um jeitinho para enfrentar os nossos desafios diários.

O SÍTIO FAZENDA VELHA

Ana Karolyna

Minha vida sempre foi muito agitada. Sempre mudei bastante, e passei por várias aventuras. Atualmente, moro em Campina, no Sítio Fazenda Velha.

Estudo no Tertuliano e lá tenho vários amigos que animam bastante meu dia. Nós damos várias risadas juntos, e brincamos bastante.

No meu colégio tem professores legais e capacitados a nos ensinar o que aprenderam. Gosto muito deles.

O lugar onde eu vivo é muito tranquilo. Moro com meus pais e minha irmã, todas as pessoas se falam e convivem normalmente.

Lá tem um campo onde vejo meus amigos jogando futebol, às vezes jogo com eles, mas sempre acabo perdendo. Tem chácaras com piscinas para irmos nos finais de semana. Lá tem vários projetos legais das igrejas, eu participo de alguns, faço aula de violão; etc.

O que não gosto é que alguns vizinhos ligam o som muito alto e maltratam os seus animais, as vezes até choro com isso.

DESPEDIDA E RECOMEÇO

Larissa Kelly

A maior parte da minha infância eu morei em Campina Grande. Lá eu gostava de brincar com as minhas amigas de esconde-esconde, baleada e várias outras brincadeiras. Eu também gostava de ficar conversando com as minhas amigas sobre o que a gente pretendia ser no futuro.

Em um certo dia, tive que me despedir das minhas amigas, pois eu e minha mãe iríamos nos mudar para o Ligeiro, e elas ficaram muito tristes, mas elas entenderam o motivo pelo qual eu tinha que me mudar.

Quando eu vim morar aqui no Ligeiro, demorou um tempo para eu me acostumar e fazer novas amizades.

AS FACILIDADES E DIFICULDADES DO MEU BAIRRO

Sílvia Sousa Barbosa

O lugar onde eu moro não tinha espaço para diversão. Mas a prefeitura construiu uma praça de entretenimento, onde podemos brincar, nos reunir com os amigos e lanchar. No meu bairro também tem várias opções de lanchonetes, inclusive, com delivery, o que facilita nossas vidas e nos dá comodidade.

Apesar disso, o bairro merece mais atenção das políticas públicas. A minha rua, por exemplo, quando chove, fica alagada. O bairro todo sofre com a falta de infraestrutura. Eu gosto de morar no meu bairro e sei que ele pode ser bem melhor, basta incluí-lo na rota de desenvolvimento da cidade.

O SÍTIO FLORESTA

Camila Mayara

O lugar onde vivo se chama Sitio Floresta. Muitas pessoas não gostam de morar num sítio, porque acham que nada de interessante acontece. Sei que não existe muito movimento nas ruas, como na cidade. Também não temos muitos vizinhos por perto. Mas é maravilhoso admirar a beleza dos campos, dos animais e o verde das plantas. Sem falar da tranquilidade. Ainda é possível dormir com a porta aberta. Não importa o que dizem, eu amo o lugar onde moro.



Josivaldo | 9º ano

Bairro do Jeremias,
visto da janela da sala de aula
da escola Poetisa Vicentina.

OS MEUS AVÓS Allane Vitória

No tempo dos meus avós
Não tinha um celular
Tinham muitas brincadeiras
Para se aproveitar
Eles brincavam um tempo
Para depois estudar.

A minha vizinha Ana
Filha de agricultor
O seu pai cantava muito
Pois tinha voz de cantor
Ela também é cantora
Pois esse dom adotou.

Quando ela era pequena
Gostava de trabalhar
Ajudava sua mãe
Nas cacimbas pra lavar
E ela nunca esquecia
Da hora de estudar.

E o meu vovô Joaquim
Gostava de ajudar
O seu pai era marchante
No sítio ia trabalhar
Com histórias na fogueira
Que a noite ia contar.

Quando meu vovô cresceu
Duas vezes se casou
E cuidou só dos seus filhos
Porque viúvo ficou
Ele tem cento e um anos
Pense num homem que lutou.

Já o meu vovô paterno
Não sei como explicar
Pois eu não o conheci
Eu nem sei o que falar
Só conheço ele por foto
E se chama Ademar.

A minha vovó materna
Não cheguei a conhecer
Pois Jesus levou pro céu
Antes mesmo de lhe ver
Nome Maria do Céu
Deus esteja com você.

E assim eu vou terminando
E vou logo agradecendo
Ao Senhor papai do céu
E o que estou aprendendo
Agradeço a Jaidete
O cordel que tô fazendo.

CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS NAS NOSSAS
BIBLOGAVETAS



Poema



Poesia é a “Arte de criar imagens, de sugerir emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados” Poema é a obra em verso ou não em que há poesia. | Aurélio

AS LÁGRIMAS

Mary Correia

As lágrimas...
Curam, limpam, saram
Um coração ferido.
Elas ensinam, restauram e alimentam.
Às lágrimas caem,
molham e desfaz a tristeza da alma.

MOMENTOS INESQUECÍVEIS

Rayssa Hellen

Tantos momentos
Que se aproximam dos sentimentos,
Sentimos raiva, sentimos magoa.
Esses sentimentos causam danos
Muitas vezes tentamos
compreender e aprender

A lidar com isso tudo
Mas só o que resta é o vazio,
O vazio dentro da alma
Que carrega nossas lágrimas.

O AMOR

David Henrique de Souza

O amor é diversidade
Ele é união e respeito
No amor tem carinho
E também tem defeito.

O amor é confuso
E nele tem surpresa
No amor tem ciúmes
E também tem pureza.

O amor é fogo e também é paixão
No amor tem tristeza
E também solidão.

No amor tem amizade
E também compaixão
Um amor de verdade
Não causa ilusão.

POLÍTICA DO AMOR

Duda Souza



Foi aqui onde começou
O amor e a tristeza
Foi a vida que nos apressou
Me encantei com tua beleza.
Teu olhar tão belo
Teu sorriso encantado
O meu amor eu não cancelo



E nem consigo ser despertado.
 Mas te digo meu amor
 Se você se arrepender
 Dessa falta de calor
 Eu não irei te repreender.
 Porque sinto tua falta
 Pois da política do amor
 A tristeza está em alta
 Mas te dou muito valor.

LIBERTAÇÃO

Duda Souza

Vim aqui contar um relato
 Algo registrado na história
 Que não é mito, mas é fato
 E está sempre na memória

Vim aqui falar de um povo escravo
 Povo humilde e sofrido
 Desejoso de um mundo novo
 Mas tão longe de concluído

Esse povo é o povo escravo
 Que aqui chegou no navio negreiro
 Tão valente e tão bravo
 E repleto de guerreiro

Homem branco escravizou
 Mas uma luz raiou no céu
 Essa luz que os libertou
 Foi a princesa Isabel!

MINHA FAMÍLIA

DAYANA MARQUES



Na família tem muita gente
 E todos são inteligentes
 Sabem contar de um a nove
 Mas não sabem fazer uma estrofe.

A minha família é uma alegria
 E também a força da minha energia.

Minha família está de luto
 Por causa de um triste absurdo
 A minha irmã morreu
 Mas ela só adormeceu
 E agora ela vive no Reino do céu.

Mesmo assim seguimos em frente
 De cabeça erguida e valente.
 Mesmo que não tenha sido como queríamos
 Vamos honrar e falar bonito
 O nome que Deus deixou escrito.

NÃO DUVIDE DO MEU AMOR

Dayana Marques

O amor é uma rosa
 Que voa sem parar
 E ninguém saberá
 Onde ela irá pousar.

Não duvide de mim
 Que eu não duvido de você
 E me ame pela eternidade
 Que eu também amarei você.

Duvide da luz dos anjos
 De que eu tenho calor
 Duvide até da verdade
 Mas confia no meu amor.

Amor é dado de graça
 Que é feito com o tempo
 Na praia, na praça
 Com o passar do tempo.

AH, O AMOR

Sara Brithian

O amor é uma chama
 Um sentimento incondicional
 Ele é uma atração
 E também muito especial
 O amor é amizade
 Uma essência de verdade
 É também carinho
 E transmite felicidade.
 O amor é união, como também é paixão
 Ele é denominador do coração.

NOSSA RELAÇÃO

Dayana Marques

Será que foi assim
 Ou foi tudo ilusão?
 Mas foi o fim
 Dessa triste relação.
 Nosso amor foi ligeiro
 Passou em um segundo
 Foi num beijo passageiro
 Que arrancou o meu mundo.
 Sei que já se esqueceu
 Foi rápido pra você
 Você nem sofreu.
 Porque doe em mim
 E não em você
 Mas tudo bem, foi o fim.

EU DECIDI VIAJAR

Leonardo Ernesto

Hoje decidi viajar
 Pela Europa, África e Ásia
 Ou qualquer outro lugar.
 Vou e volto em minutos
 Mas do tempo de fazer
 Tudo e mais um pouco
 Somente em algum segundo.
 A passagem é de graça
 E o trânsito eu escolho
 De moto, avião ou bike
 E até mesmo de Ferrari.
 Tenho direito a levar acompanhante
 A gente rir, se diverte e aprende
 Com certeza é o mais importante.
 Mas essa viagem é bem diferente
 Posso até dá-la como presente
 Dá pra levar muita gente
 Acolhidos na nossa mente.

SEMEANDO O BEM

Duda Souza

Use seu gesto do bem
 Procure exemplo tomar
 Que o homem como ninguém
 Deixou seu gesto de amar.
 Dentro do seu coração
 Na maior singularidade
 No seu ato e expressão
 Ele deixou muita bondade.
 Deus se preocupa com o pobre
 Mesmo quando ele erra
 Ele que faz cair água
 Na sequeidão dessa terra.
 Teu amor me faz crescer
 Ele que me levanta do chão
 A todo tempo vem me proteger
 Mesmo quando não há solução.

VIAJE NESSA AVENTURA

Duda Souza & Dayana Marques

Viajando na leitura
 Sem nenhuma intenção
 Só querendo alegria
 Na palma da nossa mão.
 Estávamos sonhando acordadas
 Com muita imaginação
 Não querendo ser despertadas
 Para não fugir a emoção.
 O livro é um amigo
 Que aquece o coração

Com ele não tem inimigo
Mas tem muita diversão.
Quando viajamos na leitura
Não tem briga nem confusão
Mas tem muita ternura
Que bate em nosso coração.

AMOR DE CRIANÇA

Dayana Marques

Sempre acordo com o dia
Prestando muita atenção
Naquela alegre melodia
Daquela única canção.
A canção que fala do amor
Que você fez pra mim
Ela faz sentir o teu calor
Mesmo nesse triste fim.
Foi um amor de criança
Como eu te falei no altar
Quando você me deu aliança
Eu só queria namorar.

AS CONFUSÕES DO AMOR

David Henrique. (8º ano A)

O amor é diversidade
Ele é união e respeito
No amor tem carinho
E também tem defeito.
O amor é confuso
E nele tem surpresa
No amor tem ciúmes
E também tem beleza.
O amor é formoso
E também é paixão
No amor tem tristeza
E também solidão.
No amor tem amizade
E também compaixão
Um amor de verdade
Não causa confusão.

MOMENTOS

Leonardo Ernesto

Devemos aproveitar a vida
E não deixar de viver aventuras bonitas.
Amigos precisamos para nos apoiar
Quando triste ficarmos
E nada nos alegrar.
Podemos cair, mas temos que levantar
Porque temos um grande caminho a trilhar.
Tristezas vem para nos destruir

Mas nós não podemos desistir
Do nosso caminho e seguir.
Lá em cima temos um Deus
A nos guardar para sempre
Como também nos apoiar
Tenha fé – siga em frente.

SEMPRE FELIZ

Gilvan Maciel Júnior

Sempre feliz no lugar onde eu vivo
Sem perigo o mundo é lindo
Quando amanhece
O sol nasce mais brilhante
Do que uma lâmpada
Vou ser feliz logo de manhã
Nessa rotina cansativa
Com medo de apanhar da vida
Todo dia quando eu passava no parque
Via crianças brincando alegremente
Sem maldade
Onde o mundo é mais feliz
Sem precisar de destruição e perdição
Esse é o lugar onde eu vivo
Sempre feliz e brilhante



A dura realidade da
educação no Brasil.
Você conhece?



DECLAMAÇÃO DE POEMAS NO NOSSA SENHORA APARECIDA





Resenha



Um tipo de texto, breve, usado para descrever e analisar uma produção ou acontecimento.
- Wikipédia

CAVERNA DO DRAGÃO

Gabriel Alves

Eu ainda era pequeno quando passava o desenho a Caverna do Dragão. Passava na Globo no Programa Xou da Xuxa. A história mostra 6 jovens que foram brincar num parque de diversão da sua cidade. Chegando lá, entraram numa montanha russa chamada “Caverna do Dragão”. A princípio, a montanha russa parecia normal, assustadora como qualquer montanha russa deve ser. Mas de repente, esses jovens são transportados para outra dimensão. Eram: Hank, Eric, Diana, Sheila, Presto e Bobby.

Na outra dimensão, que mais parecia um mundo sombrio, eles encontraram um velho chamado Mestre dos Magos. Este se dizia ser o guia deles. Mas o Mestre dos Magos aparecia e sumia de repente. Na verdade, acho que ele mentia o tempo todo, pois nunca levou os meninos para casa. Só aparecia para dá lições, conselhos. Mas não passava disso.

No novo mundo, cada um dos jovens recebeu um poder para enfrentar o inimigo chamado Vingador. Hank, por exemplo, recebeu um arco e flecha; Sheila recebeu o manto da invisibilidade; Diana recebeu um bastão; Presto recebeu um chapéu mágico; Bobby recebeu uma arma antiga feita de madeira; Erick recebeu um escudo de proteção.

Os jovens não queriam ficar no mundo estranho. Eles sempre lutaram para voltar para casa. A cada episódio eu ficava ansioso para ver o desfecho da história. Será que é agora que os meninos voltam para casa? Que nada! Eles nunca voltaram.

Apesar de não acontecer o retorno dos meninos para casa, sou muito fã desse desenho. Eu assistia todo dia. Se você tiver curiosidade para conhecer um pouco mais, pode baixar da internet. Não passa mais na TV. Todo mundo pode assistir. Mas você não pode ter medo, pois às vezes aparece umas cenas sinistras.



O REI LEÃO

Flávia Ludmylla

O Rei Leão é o meu filme favorito. Não sei ao certo quantas vezes eu já o vi. Ele me faz lembrar agora da minha infância, quando eu pulava as partes tristes para não chorar.

Esse filme retrata o verdadeiro valor da amizade, amor, relacionamentos familiares e a importância do passado em nossas vidas. Por exemplo, tem uma frase que me marca muito e que vou levar comigo para sempre: “O passado pode doer, mas você pode viver com ele ou aprender com ele”.

Esse filme também me influenciou a decidir sobre o que eu quero ser profissionalmente. O fato de o filme falar de animais que vivem na savana me despertou o sonho de ser veterinária. Eu só tenho que agradecer ao filme o Rei Leão por ter me tocado tanto ao ponto de me influenciar a tomar uma decisão tão importante.

Ah, não posso me esquecer das músicas que embalam o filme. São maravilhosas: “O ciclo da vida”; “Hakuna na Matata”, “Quem dorme é o leão”, dentre outras. Vão lá no Youtube e confirmem todas. Você vai se emocionar novamente.

Por fim, recomendo que assistam ao filme. Deixem a criança que existe dentro de você despertar. Não é apenas um filme animado, mas que traz à tona tantos ensinamentos. O filme é indicado para criança, jovens e adultos.



A MULHER MARAVILHA

Camila Ingrid

A mulher Maravilha é uma personagem forte, destemida, guerreira e corajosa. Me identifiquei com o logo que assisti ao desenho. Diria que a Mulher Maravilha é o destaque principal da Liga da Justiça porque ela quebra as impossibilidades e regras impostas por essa sociedade comandada por homens. Imagina só, uma mulher com super poderes? Sim, ela tem super poderes, é linda, decidida e pode salvar o mundo.

Seus braceletes ao serem tocados soltam rajadas de poder capazes de derrubar qualquer um, além de ter o poder da telepatia e o laço da verdade que força a pessoa a falar a verdade revelando seus pensamentos ocultos e mentirosos.

Nós meninas devemos nos sensibilizar e nos inspirar em mulheres fortes que conhecemos. Pode ser nossa mãe, nossa avó, nossa irmã, nossa amiga, pode ser na Mulher Maravilha. Uma mulher forte não é realmente inspirador?

Ser mulher maravilha é torna-se protagonista da sua própria história. É envolver-se, desdobrar-se. É sair da tela de sua TV e ir para o mundo real. É não hesitar em transcender, em desfrutar e viver.

Eu super indico o desenho e também o filme Mulher Maravilha para todos os públicos, especialmente para as meninas. Se inspirem! Sejam fortes!

BEN 10

Fabiano da Silva

Quando pequeno eu assistia o desenho Ben 10. O desenho conta a história do menino Benjamin (Ben). Ele estava viajando de férias com o seu avô Max e sua prima Gwen quando achou um relógio numa floresta. Esse relógio não era normal. Ele transformava Ben em 10 diferentes espécies de alienígenas. Cada um com um poder diferente. Ben luta contra o crime e contra outros alienígenas do mal. Eu amava esse desenho, assistia todo sábado. Não perdi nenhum episódio. Eu até fiz uma festa de aniversário temática. Tinha tudo dele. Roupas, bonecos. E meu quarto também era temático.



Na televisão a gente quase não encontra mais desenhos. Tem muitos programas para as donas de casa, muito jornal. Os desenhos são poucos.

Mas quem tiver interesse, assiste o Ben 10. É muito bom!

Queria que as crianças assistissem esse desenho. É muito legal. A gente pode encontrar na internet. Na televisão a gente quase não encontra mais desenhos. Tem muitos programas para as donas de casa, muito jornal. Os desenhos são poucos.

BOB ESPONJA

Allane Vitória

Desde de criança gosto muito de assistir desenhos. Sempre acordava 8:30 da manhã para acompanhar o desenho Bob Esponja que passava no Programa Bom dia e Companhia, no SBT. O desenho narra as aventuras de Bob Esponja, uma esponja do mar que vive em um abacaxi no fundo do mar com um caracol de estimação, Gary, que mia como um gato. Seu melhor amigo é Patrick, uma estrela do mar que vive debaixo de uma pedra. Patrick geralmente é preguiçoso, vive assistindo TV ou fazendo nada. Lula Molusco é vizinho de Bob Esponja e seu “colega” de trabalho no restaurante Siri Cascudo. Ele é um polvo arrogante e mal-humorado que não gosta de seus vizinhos (especialmente Bob Esponja).

Ele gosta de tocar clarinete e pinta autorretratos, mas odeia seu emprego no Siri Cascudo. Sandy Bochechas é uma esqui-la muito amiga de Bob Esponja. Ela é cientista e especialista em karatê. Seu Sirigueijo é um avarento caranguejo obcecado por dinheiro. É o proprietário do Siri Cascudo, chefe de Bob Esponja e Lula Molusco.

Os principais vilões que aparecem no desenho são Plankton e Karen, que são rivais comerciais de Seu Sirigueijo. Plankton e Karen possuem um fracassado restaurante, chamado Balde de Lixo localizado em frente ao Siri

Cascudo. Plankton passa a maior parte de seu tempo planejando roubar a fórmula secreta do popular hambúrguer de siri (exclusivo do Siri Cascudo) para obter sucesso e empobrecer Sirigueijo.

Eu gostava tanto de Bob Esponja que assistia os mesmos episódios várias vezes. Meu irmão implicava comigo porque eu não me cansava de assistir.

Eu sempre tentei imitar a risada do Bob Esponja, mas nunca consegui. Estou tentando até hoje.

OS URSINHOS CARINHOSOS

Ana Marques

O desenho dos Ursinhos Carinhosos era o meu desenho preferido. Passava na década de 90, no SBT. Mesmo sendo adulta eu assistia e passei a fabricar peças de gesso para vender e ganhar uma grana. Me lembro dos ursinhos: Carinhosa, Feliz, Ternura, Fiel, Campeão.

No desenho a família de ursinhos tinham que enfrentar o vilão “Coração Gelado” e seus ajudantes “Malvado” e

“Laurinha”, além de outros vilões perversos. Eles queriam acabar com o amor e com os bons sentimentos das pessoas. Os ursinhos agiam como verdadeiros defensores da justiça, protegendo a humanidade dos maus sentimentos: inveja, ódio, desespero, egoísmo.

Eu amava assistir ao desenho porque os ursinhos eram unidos e conseguiam reverter todo o mal que aparecia. Nossa vida é assim também. A gente só consegue vencer as dificuldades se estivermos unidos. Sozinho fica mais difícil de ganhar a luta do dia a dia. Temos que preservar a união em qualquer lugar que convivemos.

O desenho dos Ursinhos Carinhosos pode parecer bobo, coisa de criança. Mas nessas historinhas aparentemente bobas, estão escondidas grandes lições.

Eu recomendo o desenho para crianças e adultos. Todos podem aprender. Hoje o desenho não passa mais na TV. Mas você pode assistir pelo celular, no canal do YouTube. Tem muitos episódios por lá. Aposto que você vai gostar. Fica a dica.



VÓVO ANA DESENGAVETANDO JUNTO COM ALLANE



A gente só consegue vencer as dificuldades se estivermos unidos. Sozinho fica mais difícil de ganhar a luta do dia a dia. Temos que preservar a união em qualquer lugar que convivemos.



Entrevista



Uma Entrevista é uma conversa ou diálogo entre duas pessoas denominadas entrevistador (quem entrevista) e entrevistado (que responde as perguntas). O objetivo principal é extrair informações e declarações para esclarecer determinado assunto. - educamaisbrasil

AS MÃES ERAM COSTUREIRAS

Giselly Camila Amaral e Maria Eduarda Silva

Na minha época, as brincadeiras não vinham prontas numa caixinha, feito um presente que se compra numa loja. Nós é que inventávamos as brincadeiras ou aprendíamos dos nossos pais que iam passando de geração para geração.

Brincávamos de esconde-esconde, toca-toca, boneca de pano. A boneca de pano nós mesmas que fazíamos com lençóis e cordão. Também passávamos a tarde toda procurando tampinhas de garrafas para fazer um jogo de xadrez.

Se tinha uma coisa que nos deixava ansiosos, era o dia de festa (São João, Natal). A gente ficava tão ansioso que se arrumava logo cedo com a roupa que nossas próprias mães faziam em casa. Na minha época, quase todas as mães eram costureiras. Elas mesmas faziam nossas roupas. Não comprávamos na loja, pois éramos de família humilde. Geralmente, quem tinha mais dinheiro costumava comprar roupa nas lojas.

O meu bairro era muito animado. Existiam muitas folias de rua, principalmente no carnaval. A gente não podia escutar um batuque que já corríamos atrás dos bois carnavalescos. Hoje, a insegurança não permite a nossa diversão na rua.

NO TEMPO DA CASA DE CIPÓ E BARRO

Thays Luana Tavares e Vitória Hellen

Na época em que nossas casas eram feitas de cipó e barro, éramos mais felizes. Isso porque nossas famílias se reuniam em torno da conversa. Eu me lembro das maravilhosas histórias de terror que minha mãe nos contava. Sentíamos medo, mas sempre queríamos ouvir mais e mais histórias.

Nossos brinquedos eram fabricados por nós, como bonecas de pano, corda e panelinha feita de barro. Aos fins de semana, minha família costumava ir ao sítio e a igreja. Esses passeios eram quase sagrados.

Estou com 70 anos e ainda me lembro com saudades das aventuras com meus amigos. Nós gostávamos subir nos pés de umbu e jabuticabas para comer as frutas

MÃOS CALEJADAS

João Victor, Rodrigo Silva e Pedro Henrique

Eu nasci em Pernambuco e com 7 anos me mudei com meus pais para Campina Grande. Meus pais trabalhavam muito. Saíam às 4 horas da manhã para cuidar da roça. Eu só passei 5 anos na escola, depois comecei a costurar roupa para ajudar a minha família. Meus irmãos também foram para a roça.

Com 20 anos me casei. E com meu marido tive 15 filhos. Meu marido passava dias fora de casa. Quando vinha, me dava pouquíssimo dinheiro para ajudar no sustento dos filhos. Então eu precisava trabalhar muito fazendo costura para fora a fim de comprar alimento e ter o básico para sobreviver.

Quando eu não aguentava mais trabalhar, com as mãos calejadas, pedi ajuda a meus pais. Eles me acolheram e cheguei a dormir várias vezes na casa deles.

Muitos dos meus filhos só estudaram até o 5^a ano, e depois começaram a trabalhar para ajudar a sustentar a casa e os irmãos mais novos. O sustento da nossa casa é muito importante. E até prioritário.

RESGATANDO AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

Alessandro Camilo, Daniel Alves,
Davi Alves e Pedro Willi

Eu tenho 57 anos e moro no Jeremias há cerca de 50 anos. Antigamente, não existia escola no nosso bairro, não existia praça e o bairro não era tão violento como hoje, com tantos assaltos e mortes. Na minha época, a vizinhança era unida e as pessoas eram mais próximas umas das outras.

Quando eu era criança, costumava ver a minha mãe costurando. Eu sempre ficava curiosa para descobrir quem seria a mulher que encomendou tal vestido. A nossa imaginação ia longe. Atualmente, a gente vai numa loja e compra qualquer roupa. Não temos tempo ou paciência de esperar a roupa ficar pronta pelas mãos de uma costureira. É por isso que a profissão quase desapareceu no bairro.

Também me lembro como era bom brincar. Nos dias de chuva, costumávamos brincar dentro de casa, fazendo comidinha de mentirinha e embalando bonecas de pano. Já nos dias de sol, a gente brincava de baleada, barra bandeira, pega-pega, pique esconde e muitas outras brincadeiras.

Me parece que as crianças de hoje brincam muito pouco. Quase não vemos crianças nas ruas.



Artigo de opinião



Um tipo de texto dissertativo-argumentativo onde o autor apresenta seu ponto de vista sobre determinado tema

-portugues.com.br

FUTEBOL TAMBÉM É COISA DE MENINA

Maria Luísa da Silva

Eu gosto muito de jogar futebol. Quando eu crescer, quero ser igual à Marta, a melhor jogadora de futebol feminino. Jogar futebol não é só correr atrás da bola. Para mim, futebol é paixão. Por isso, não se pode jogar apenas com os pés, é preciso jogar com o coração, com a vontade e, acima de tudo, jogar com a verdade da alma. Muitas pessoas ainda acham que futebol é coisa só de menino. As meninas que jogam ainda sofrem preconceito e bullying, principalmente na escola. Mas não me importo com as críticas. Eu sei do que sou capaz e vou continuar de cabeça erguida. Não me importo com opiniões inúteis, que não acrescentam nada à minha vida.

A ENGRENAGEM DA VIDA

Aline Nafitally Santos

Foi despedido do trabalho? Terminou uma relação? Deixou a casa dos pais? A amizade que parecia sólida desapareceu sem explicações? Tudo bem. É preciso saber quando uma etapa da nossa vida chega ao fim. Se insistirmos em permanecer numa determinada etapa mais do que o necessário, perderemos a alegria e o sentido das outras etapas que ainda estão a nossa frente. É preciso saber fechar ciclos, portas, capítulos. Sei que não é simples. Mas é salutar. E também urgente. A gente precisa prosseguir. Seja com o “sim” ou com o “não” que a vida nos dá. Talvez lá na frente a gente entenda a engrenagem da vida. Por ora, só enxergamos o que nos convém.

NADA FOI FÁCIL

Quezia Adelino

O lugar onde vivo é muito especial. Tenho gratidão para ter um teto para morar, e por ter pessoas que amo e com as quais posso contar sempre que precisar. Eu me sinto a pessoa mais feliz do mundo por ter a minha família do meu lado e por saber que eu nunca vou estar mal acompanhada. Tenho pessoas ao meu lado que não só fazem de mim uma adolescente grata, mas uma adolescente realizada. Sei que passamos por muitos problemas para chegarmos onde chegamos. O que tivemos que passar e superar não foi fácil, mas sei que nada disso é em vão.

FAKE NEWS

Maria Aparecida Vidal de Siqueira

A notícia falsa, a tal da “fake news”, vem causando prejuízo à imagem das pessoas, principalmente entre os jovens que não sabem lidar com a quantidade de informação que circula nas redes sociais. Uma pessoa ouve uma informação, não verifica se essa informação é verdadeira e logo sai espalhando, sem pensar nas consequências que tal informação pode trazer para outras pessoas.

As fakes news não se consertam facilmente e os prejudicados talvez nunca se recuperem, por isso, é importante não espalhar nenhuma informação que prejudique a imagem de outra pessoa.

A VIDA NÃO ESTÁ NO FIM

Aissa Vitória Mendonça

Você acha que a vida está te levando para um buraco sem saída? Então quero conversar um pouco sobre depressão e ansiedade. Sei que algumas pessoas desistiram de viver

A depressão não é tão clara e às vezes se esconde atrás de uma tristeza. De um querer ficar quieto..

porque acharam que estavam sozinhos. Mas não estamos sozinhos. Olhe a sua volta. Várias pessoas tocam a nossa vida. Muitas pessoas querem o nosso bem. Nenhum, nenhum ser humano está sozinho. Nossa vida é interessante, não importa o que aconteça.

O mês de setembro traz uma campanha de prevenção ao suicídio. É o “Setembro Amarelo”. É um mês propício para a gente conversar mais. Observar mais. A depressão não é tão clara e às vezes se esconde atrás de uma tristeza. De um querer ficar quieto.

Minha dica é para você conversar. Seja presencialmente, seja virtualmente, seja através de um desabafo num papel. Você já tentou escrever para você mesmo? É uma experiência maravilhosa. Tente! Só não se cale.

O ESQUECIMENTO DA MEMÓRIA

Sarah Rosas Silva

Será que conseguimos viver sem lembranças? Outro dia me peguei pensando nessa questão. Imagina viver dia após dia sem lembrar das coisas e das pessoas que estão ao seu redor. Olhar para as pessoas e achá-las estranhas. Ou pior, você se sentir estranho a tudo e a todos.

Sabe o Alzheimer, aquela doença progressiva que destrói a memória e outras funções mentais importantes? Para mim, é a doença mais terrível que existe. Ela nos machuca ferindo o que temos de mais importante: nossas recordações. Ela rompe com o nosso passado criando um abismo entre o ontem e o hoje.

Quem somos nós sem as nossas recordações? Como olhar para frente sem o apoio do passado? Nossa vida é baseada em recordações, não há futuro se não há um passado a ser lembrado. Eu sei que “certas” memórias queremos esquecer, queremos deixá-las guardadas num baú fechado sem chave. Entretanto, as lembranças ruins também fazem parte da nossa história. Somos feitos de alegrias e tristezas, paixões e decepções, presenças e ausências. Nenhum sentimento anula o outro. Tudo molda nosso “eu”. Tudo é válido. Cada memória nos constitui. É como se fosse o DNA da nossa história



desengavetametexto.org





Sabonete e café moído

Conhecer nossos avós é um privilégio. Eu só tive a oportunidade de conhecer minhas avós. Dona Eulina (avó paterna) e dona Rita (avó materna). Eu me encontrei pouquíssimas vezes com vó Eulina. Ela morava numa cidade muito distante da minha. A lembrança que tenho dela é de uma senhora séria, semblante preocupado e de pouco afago com os netos. Mas ela sempre sorria quando a gente chegava em sua casa. E ninguém saía de lá sem um presentinho. Ou melhor, ela sempre nos dava o mesmo presente: um sabonete “Alma de Flores”. Era um sabonete caro, luxuoso e de

um perfume agradável. A história conta que esse sabonete data de 1950 e atualmente ainda se mantém no mercado. Quando passo nas prateleiras e vejo esse sabonete, penso: *Lá está o cheirinho da minha vó Eulina*. O cheiro traz saudade!

Sobre a minha avó Rita, tenho muitas lembranças, pois morei com ela alguns anos. Ela era afável, carinhosa e sempre acompanhada pelos netos. Sua casa cheirava a rosas, a manga e a café. Este era o cheiro mais forte de que tenho lembranças. Todas as manhãs acordávamos com o cheirinho de café bailando no ar. Era o café sendo moído e pisado no pilão. Essa lembrança me afeta muito. Foi numa manhã fria,

silenciosa e com cheiro de café que vi minha vó pela última vez. Mesmo criança, eu tentei fazer uma oração desesperada: *Meu Deus, por favor, não deixe a minha avó morrer. Eu preciso muito dela.* Mas a minha oração não atravessou o teto e minha vó Rita se foi, assim como o meu gosto pelo café.

Se vó Eulina e vó Rita tivessem esperado um pouco mais pelo futuro, talvez eu tivesse alguma foto delas para mostrar a vocês. Mas a pressa pelo descanso foi mais forte.

Cheirinho de bebê e pomada



Em 2009 conheci uma senhora muito simpática e firme. Com palavras poucas, mas com poder de decisão. Eu me senti à vontade ao conversar com ela. Conversamos sobre casamento, sobre a engrenagem da vida, sobre filhos e outras coisinhas que só nós duas sabemos.

Hoje ela está com 88 anos. Tem alzheimer, parkinson, dores nas pernas. Mesmo assim, ela continua sendo a referência da sua casa. Para ela se voltam os olhares, os cuidados e toda a atenção. E como seu coração foi grande, acolhendo a todos a sua volta, hoje é grande o número de mãos que se prestam para ajudá-la. São as mãos das filhas, dos filhos, das irmãs, das cuidadoras.

Graças a essas mãos maravilhosas seu cheirinho é de um bebê que acada de tomar banho. Um cheirinho também de pomada. Pomada esta que sara seus constantes arranhões e embebe sua pele frágil, sensível a qualquer toque.

Hoje, ela não me reconhece. Não reconhece seus netos. E isso parece triste. Às vezes, decepcionante. Mas o mais importante é sabermos quem ela é. O que ela significa para nós. Para mim, dona Dalva é uma das mulheres mais importantes da minha vida. Ela me deu um esposo e juntos demos a ela uma casal de gêmeos.



FOTO: EVANISE KARLA

O cheirinho de Dona Dalva me diz que devemos ser leve como uma criança e adulto o necessário para passar pomada onde dói.

Arnica e floral



Conheci vó Carminha a muitos anos. Ela sempre gostou de ser avó. No total, são 16 netos e dois bisnetos. E olha que ela só tem 58 anos de idade. Eu pensei que ela já estava satisfeita com seus 11 netos e não fizesse questão por mais um. No entanto, foi aí que conheci a força motriz de uma avó. Isso aconteceu há quatro anos, quando um médico disse que eu não podia ter filhos (devido a um problema de saúde). Ao invés de me consolar, dizendo “tudo bem, minha filha, você supera isso”, ela olhou para o desatino daquele médico e disse: “O senhor ainda vai ver os filhos da minha filha”. Com aquelas palavras, ela determinou que viria mais netos pela frente. E acertou no plural. Nasceram gêmeos. Os primeiros gêmeos da família. Nunca voltei para aquele médico para mostrar que aquela avó sabia mais do que ele. E por mim ele nunca saberá. Prefiro dar ibope às palavras desta avó, que sabe sofrer a perda de alguns netos, que sabe brigar pelos netos que já nasceram e que sabe profetizar pelos netos que nascerão.



ACERVO PESSOAL

Hoje, suas debilidades e seu cansaço lhe dão um cheirinho de arnica. E os netos fazem questão de massagear suas dores. Mas seu cheiro também é de floral que exala das suas muitas roupas. Sim, ela adora ganhar roupa nova, perfumes e cremes. Atualmente, vó Carminha divide seu tempo com a Bonitona da Carminha, seu personagem *digital influencer*. Duas figuras fantásticas numa única pessoa. Um equilíbrio perfeito entre leveza, alegria e dores silenciosas.



O cheiro traz saudade!



Avós, uma experiência contemporânea

Durante as oficinas de escrita ministradas por nós nas escolas, eu perguntei, informalmente, a vários alunos como era a relação deles com seus avós. A grande maioria dos alunos com quem conversei diz ter pouco aproximação com os avós paternos; outros disseram que só chegaram a conhecer seus avós por foto; muitos não sabiam o segundo nome de seus avós e outros os conheciam apenas pelo hiporístico afetivo “avô ou avô”.

Além disso, escutamos muitos relatos de conflitos envolvendo avós, netos, pais. Uma aluna do 6º ano nos deu o seguinte relato: “minha mãe brigou com o meu pai e meu pai me fez mal, por isso eu fui morar com a minha avó”. O relato dessa aluna nos parece singular, no entanto, escutando vários alunos, percebemos que o conflito familiar entre os pais é um dos principais problemas que motivam os avós a criarem seus netos. Essa convivência na maioria das vezes é salutar e traz segurança para as crianças, outras vezes gera incerteza e medo.

Segundo Ramos ^a (2015), a relação entre avós e netos é uma experiência contemporânea. Isso porque a expectativa média de vida não permitia que muitos avós vissem os seus netos nascerem e crescerem. No início do século XX, por exemplo, tal índice era de apenas 33,7 anos, o que limitava consideravelmente o convívio entre três gerações. Hoje, segundo a autora, esse percentual subiu para 25%, criando um número expressivo de famílias multigeracionais. Segundo dados do censo de 2010, em apenas cem anos, a expectativa de vida do brasileiro dobrou, passando, para 73,4 anos.

Concordamos com Ramos (*op. cit.*) quando diz que a presença mais dura-

doura dos avós e bisavós no convívio familiar fizeram com que o tema do envelhecimento entrasse na agenda de diferentes campos: como na política, com a implementação de leis assistenciais; na economia, com a descoberta do idoso consumidor e de uma série de produtos destinados à chamada terceira idade; na saúde, com a busca por melhor qualidade de vida na velhice; e na educação, com o advento da Gerontologia Educacional e dos novos processos de formação direcionados aos que trabalham com idosos.

Avós, uma experiência literária

Sabemos que a literatura reflete os costumes de um povo, seus saberes, suas verdades, seus medos, suas crenças. Desse modo, sugerimos o trabalho da temática sobre os avós na sala de aula a partir de diversas obras literárias. Estas nos dão as sutilezas necessárias para se abordar questões sensíveis, como a que estamos abordando. **Avisamos ao leitor que as sugestões aqui não esgotam a totalidade de obras existente** no mercado, mas servem de caminho para uma busca mais atenta. Compartilhe também conosco suas sugestões. Escreva-nos!

^a RAMOS, Anne Carolina. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n1/2175-6236-edreal-40-01-00191.pdf>



Sabemos que a literatura reflete os costumes de um povo, seus saberes, suas verdades, seus medos, suas crenças. Desse modo, sugerimos o trabalho da temática sobre os avós na sala de aula a partir de diversas obras literárias. Estas nos dão as sutilezas necessárias para se abordar questões sensíveis, como a que estamos abordando.



DESENGAVETANDO

as RECEITAS

da VOVO

receitas da vovó na ponta do lápis

retirada do
nosso livro
Desengavetando
as Receitas
da vovó



ORELHA DE VÓ

INGREDIENTES:

- 2 xícaras de farinha de trigo sem fermento.
- 1 xícara de açúcar.
- 3 ovos.
- 1 xícara de (chá) de leite.
- 1 banana.

MODO DE FAZER:

1. Unte tudo e bata no liquidificador ou bate tudo numa panela.
2. Em seguida, coloque óleo de soja em uma panela de teflon para não grudar e frite a massa até o ponto de comer.

COMO SERVIR?

Faça um cafezinho bem quentinho para acompanhar o bolinho. Chame os filhos, os netos e sentem todos ao redor da mesa. Vão conversando sobre a vida e saboreando o delicioso bolinho orelha de vó.

“E na sua casa, ou na sua região, como se chama e como se faz esse bolinho que parece uma panqueca frita? Escreva para nós!”

Uma delícia da vó Carminha,
desengavetada pela aluna Sarah Silva.





NO RITMO DO PANDEIRO

Matusalem Lima, Melquíades Vieira

De engraxate a tocador no Cassino Eldorado
Jackson do Pandeiro foi o cara recomendado
Para animar as noites dos anos dourados
Logo que o pandeiro lhe foi apresentado.
Nasceu em Alagoa Grande, mas amava outro lugar
“Quem vai a Campina Grande pede pra ficar”
É a melhor cidade para festejar
E os grandes talentos se expressar.
Seus ritmos surgiram de improvisações
Emplacou sucessos que duram gerações
O Forró no Limoeiro é uma de suas grandes gravações.
Dono de recurso vocal único e dom verdadeiro
Dominou todos os estilos num som brasileiro
Conquistou o mundo inteiro no ritmo do pandeiro.

A VIDA

Vitória Maria de França

A vida em si é muito engraçada
Ela é muito difícil de se compreender
Um dia choramos, no outro sorrimos
Mas vale a pena nela viver!

Cada dia possui suas vitórias e derrotas
Em meio as tempestades e bonanças
Em meio a lutas e tormentos
Lições preciosas adquirimos
Em todos os instantes e momentos.

Sempre teremos altos e baixos
Sempre teremos alegria e decepção
Pois a vida simplesmente se apresenta
Como um ladrão em ação.

Somos pegos de surpresa
Não importa como está o coração
A vida é quem decide
O que vai deixar em nossas mãos.

MINHA CAMPINA GRANDE

Cristiane Barbosa

Moro na cidade de Campina Grande, onde recebemos muitos turistas, pessoas de outros lugares vem para conhecer os pontos turísticos que mais chamam atenção. Nasci e me criei nessa cidade maravilhosa. Toda minha família mora perto de mim, é uma alegria enorme ter amigos e familiares por perto.

Sem falar da escola onde encontro meus amigos e os professores que nos ensinam o que é necessário para o nosso futuro. Tenho muito orgulho de morar nessa cidade linda, onde quero viver o resto da minha vida e ensinar ao meu filho as coisas boas que aprendi nessa cidade maravilhosa.

LÁGRIMAS

Vitória Maria de França

Lágrimas são apenas gotas de água
Que desce dos nossos olhos e caem no chão
É apenas mais uma forma de demonstrar
Nossos sentimentos e nossas emoções

Como algo tão insignificante
Pode dizer tanto de nós assim?
Pois é isso que as lágrimas fazem
Elas dizem se estamos tristes ou felizes!

Há lágrima que são de alegria
Mas também há lágrimas que são de solidão
Há lágrimas que são de agonia
E há lágrimas que vem do perdão!

Não importa se caiu apenas uma lágrima
Ou se com ela veio uma inundação
O que importa é que dentro dela havia uma frase
Que talvez ninguém consiga a interpretação.

VAMOS DESENGAVETAR?

Nasce uma biblioteca
O que vamos desengavetar?
Desengavetar os textos
Que nos fazem viajar
Desengavetar os livros
Que nos fazem questionar

Desengavetar cordéis
Que nos fazem declamar
Desengavetar leituras
Que nos fazem pensar
Desengavetar os sonhos
De leitores a se multiplicar

Pr^a Jaidete Dias de Sousa

*BIBLIOTECAS
As gavetas
onde moram
os livros*



Bibliogaveta Manoel Monteiro | Escola José Pinheiro



Bibliogaveta Zé da Luz | Escola Nossa S^a Aparecida



Bibliogaveta Zé Laurentino | Escola Major Veneziano



Bibliogaveta Ariano Suassuna | Escola Zuleide Porto



Na construção de nosso conhecimento, os livros são os tijolos e os professores são os pedreiros. |

Jonathan Fonseca Fogo

SEMENTES DA POESIA

SANDRA SUSANA

Na sombra de um cajueiro
Escrevi minha primeira poesia
Inspirei-me no sabor das frutas
E no vento que em mim batia.
Foi um momento de grande emoção
Quando vi as palavras contemplarem
Pois ali havia um pássaro a me olhar
Que exibia beleza e também a cantarolar.
Logo veio um lindo entardecer
E um caju em mim caiu
Naquele momento eu sentia
Que o poder das palavras amadurecia.
As horas foram se passando
E o meu dom aprimorando
Naquele momento éramos 'eus'
O dom da poesia foi deixado por Deus.

HERÓI PELA PRÓPRIA NATUREZA

Carlos Roberto

O aluno é Rio transformado;
O professor, sua nascente;
O menino se formou em Ente;
Dando orgulho a parentes,

Desbravando caminhos mil;
Formando um Brasil varonil
Uma Nação poderosa
Onde conhecimento vira prosa
De tudo se debate, discute
Ensinando a todos igualmente
O professor é um crente
Que o conhecimento transforma
Ele não conhece outra Fórmula
Que não seja, hoje, informação
Para construir toda uma nação
Com democracia, crítica e reflexão
Isso só se faz pela Educação.

BONECA DE PANO

Sandra Susana

Ela era o sonho da época
Boneca de Pano
Brinquedo sapeca.
Brinquei muito na infância
Com amigos da escola
Não tinha discriminação
Fosse moça ou menino
Estava feita a diversão.
Hoje ela está esquecida

Não há mais valorização
A nossa boneca de pano
Dorme em muitos guarda-roupas
Porque a nova geração
Quer um tablet ou celular
Como forma de animação.

FINGIMENTO POÉTICO

Carlos Roberto

O fingimento persegue o homem de tal maneira que, Me torna um poeta num mundo de caduco de mulheres com pernas de cores variadas: "quantas pernas, meu Deus" de repente percebe-se o quanto na vida, nada une as pernas se sua "alma é pequena". Porque não possui o mesmo espírito de aventura que um IVANHOÉ e não és um desbravador como um Vasco da Gama? E muito menos, Por que não consegues ter tantos nomes como uma pessoa como Pessoa. Veja só se a história é boa, posso até contar,

Mas quão bobo sou na minha inocente visão, fingida,
De um homem em busca de sombra, e água fresca.
Para ancorar os pesares da minha tumultuada vida.
Sempre estar em conflito, com a espiritualidade do pecado.
Pode uma coisa assim surgir dentro de um ser?
Ser contemporâneo como se barroco fosse?
Como é incrível o meu coração ele não é sensível como pensava.
Está sempre se aventurando na virtualidade de paixões
que ele vai querer, ou não
assumir; que aventureiro!
O que resta?
Dizer a quem se ama, que ama.
E ainda,
Afirmar que não mais a deseje.
Resta mais algo a esse fingidor?
Sim,
Finalizar tal desabafo fingindo
Que nada é tão medíocre que não tenha valor.
Valor literário, científico, talvez poético.
Seja realista e não finja.
Pois, só aos poetas cabe tal habilidade.

LEMBRANÇAS DOS MEUS AVÓS...

Edilberlane Diniz Abrantes Ferreira

Dentre as coisas, neste mundo, que passeiam pelo rol das “relativas” é a mudança, pois “quase” tudo nesta vida, muda. O filósofo Heráclito disse que “quando alguém entra num rio, no momento seguinte, nem a pessoa é a mesma nem o próprio rio”, assim também são as Eras...

Quantas vezes na vida já não escutamos alguém suspirar, dizendo: “Como era diferente no tempo de meus avós... ou no tempo de meus pais... ou no meu tempo!” Quantas lembranças vivem no coração dos homens!

Identifico-me com alguns versos do poeta romântico Casimiro de Abreu, quando diz: “Ai que saudades que tenho da aurora da minha vida...” E atrevo-me a parafraseá-lo: “Ai que saudade que tenho do tempo dos meus avós!” Um tempo que aprendi a construir em minha imaginação, alimentada por tapiocas de coco, café quentinho, bolo de milho, cocadas de leite... Nos relatos de minha avó paterna.

Nossos avós deixam marcas em nós, que no momento em que estão sendo feitas, por vezes não entendemos, mas que o tempo lapida e mostra a bela joia que se torna! São ensinamentos, que por mais que a sociedade mude, continuam servindo-nos, fazendo parte de nós. Ensinamentos como: “Respeite os outros, menina!”; “Não faça aos outros o que você não quer que façam a você!”; “Fale pouco e escute mais”; “Saiba entrar e sair de qualquer lugar”; “Seja honesta, mesmo que seja só você!” “Não mexa no que não é seu”, dentre tantas coisas que aprendi com minha avó e que me serão úteis por toda a vida.

Humana e denotativamente falando é impossível que eu tenha vivido no tempo de meus avós, mas em minha memória e no âmago de meu imaginário, o tempo deles vive correndo solto como as pipas levadas pelo vento e que meu avô, quando menino, corria atrás.

O AMOR DE UMA VIDA INTEIRA

Linaiara Santos Melo

Acredito que todos tenham iniciado a leitura dessa crônica pensando que vou contar a história de uma paixão que tive por um rapaz. Sinto em dizer que não é sobre esse tipo de amor que irei falar.

Vou expressar um sentimento que parece ter vindo comigo de outras vidas, pois o senti, dentro de mim, todas as vezes que via ou pensava nessa pessoa.

Desde pequena ia para casa da minha vó materna e ficava horas, pertinho dela, muitas vezes, sem dizer uma única palavra, mas só o fato de a sentir, perto de mim, me fazia bem.

Todos os sábados, a tarde eu ia ficar com ela e ficava observando-a fazer bolo, cuidar da casa... Éramos só eu e ela, mas nos entendíamos até pelo olhar.

Sentia-me tão bem, que todos os meus aniversários, eu queria passar com ela. Que todas as tardes de sábado eu fazia questão de ficar ao lado dela. Nós ríamos, chorávamos, relembávamos 1000 vezes os mesmos acontecimentos. Erámos como velhas amigas.

E foi assim até o último dia da vida dela. Ela se foi no dia 06 de dezembro de 2003, nove dias depois do meu aniversário. E foi nesse dia que ela se despediu de mim.

Arrumei-me toda e fui correndo comemorar esse dia com ela. Como ela estava adoentada, esperei que ela estivesse no quarto, mas para minha surpresa, estava no terraço sentada, sozinha. Olhei pela grade e a vi logo me emocionei. Era tudo que eu queria de presente, vê-la bem.

Ela ficou muito feliz em me ver, mas não lembrou que era o meu aniversário, pois estava bem debilitada para lembrar de alguma coisa. Quando ficou sabendo tratou logo de pedir a minha tia para comprar uma pizza para comemorarmos.

Eu nem imaginava que aquela seria a nossa despedida. Quando a pizza chegou, ela pediu-me desculpas e disse que não conseguia mais ficar sentada e que queria deitar-se. Minha tia levou-a até o quarto. Ao chegar à porta, minha vó parou, olhou-me e disse: Lina, você mora aqui (apontou pra o coração dela).

No sábado seguinte, nos encontramos pela última vez. Mas, desta vez não havia mais vida nela e a minha tinha perdido o brilho. Restou-me apenas a saudade e o amor que sempre viverá em nós.



O lugar da memória é na escola

BRUNO GAUDÊNCIO

Professor, escritor, jornalista e historiador

A memória não é privilégio dos velhos. Não é símbolo máximo daqueles que por longos anos acumularam experiências. A memória é o signo da vida. É território de todos. Sangue pulsando a existência. Outro dia questionei a um aluno sobre o que ele lembrava da sua infância? Ele ficou sem graça e respondeu depois de alguns segundos que sua infância não era nada demais ou era igual a qualquer um. Na hora tive uma ideia: “Queridos, tenho um exercício para vocês para a próxima aula: tragam uma fotografia de suas respectivas infâncias”. Dos vinte e oito alunos, apenas dois ou três não trouxeram. Observei logo na entrada que o mesmo aluno que respondera que sua infância não tinha sido “nada demais” estava empolgado vendo as fotos dos colegas e suspirou fundo quando me viu entrando na sala.

Comecei minha dinâmica mostrando a minha foto de infância. Trouxe uma das poucas que possuo deste período. Eu, em um velocípede laranja, sorrindo no terraço da casa dos meus avôs, em Cabaceiras, Paraíba. Comentei a importância

dos meus avôs na minha vida, relatei que não lembrava o destino daquele brinquedo, mas contei uma história da roupa que eu usava. Era vermelha, com desenhos de um urso de cor branca. Todos os meus alunos ficaram atentos. Era evidentemente uma história banal, como seria, aparentemente, a história de todos da sala. Mas percebi que eles alcançaram minha emoção a falar dos meus avôs, de como aqueles objetos e vestuários engatilharam sentimentos que guardo até hoje como lembranças.

Em seguida continuei a dinâmica. Uma das alunas mostrou sua foto no dia do seu aniversário de sete anos. Foi sua primeira e única festa de aniversário até aquele momento. Seus pais não possuíam condições de fazer uma grande comemoração, mas naquele ano seus pais prepararam no clube do bairro uma festa. Ela nunca esqueceria aquela data, mesmo passado quase dez anos. Relatou com minúcias os convidados, os presentes, o sabor do bolo. No final apenas desejei que ela guardasse para sempre aquela foto como o melhor de sua infância. Vi de relance uma pequena lágrima no canto dos seus olhos verdes.

E fui continuando a dinâmica, passando de adolescente para adolescente, percebendo como cada um deles estava interessado em saber cada vez mais sobre a memória das infâncias um dos outros. Estavam ao mesmo tempo agitados e atentos; riam com a foto que remetia a algo engraçado (quando, por exemplo, um aluno mostrou uma imagem com o

braço quebrado no seu último natal. Ele havia caído de um pé de bananeira); ou choravam como um das meninas mais tímidas apresentou sua foto de aniversário de quinze anos a turma, lembrando-se do sorriso da sua mãe, recém-falecida.

Foi quando cheguei ao último aluno, justamente aquele o menino que havia respondido que sua infância não era nada demais. Ele estava com a sua foto na mão. Levantou e mostrou para toda a turma. Era a imagem de um homem magro de bigode pretos, com três crianças entre cinco e dez anos. Era seu pai, exatamente na escola onde nos encontrávamos. A imagem remetia ao dia em que a casa onde moravam fora destruída por uma cheia e a escola abrigou sua família. Ele, seu pai (já falecido), sua mãe e seus dois irmãos mais velhos ficaram desabrigados. Perguntei a ele porque escolheu exatamente aquela foto. Ele respondeu: “Acho que não fui certo em dizer que minha infância era nada de mais, iguais às outras. A minha infância foi um pouco triste, perdi meu pai cedo, perdi minha casa, mas fui acolhido aqui de diversas maneiras. Morei aqui nas férias de janeiro de 2005, estudo aqui desde que me tenho como gente.” Emocionado, todos ficaram silenciados e imóveis quando ele voltou para sua cadeira. Fiquei quieto, observando seus amigos o cumprimentarem quase todos emocionados. A memória não é privilégio dos velhos. A memória é signo da vida. É território de todos. O lugar da memória é na escola.

Há um rio na minha infância | Crônica

MIRTES WALESKA SULPINO

Presidente a ABES (Associação Boqueirãoense de escritores)

Sempre que visito minha infância, sinto o cheiro da água do rio Paraíba. Sinto a água fria banhando meus pés, sinto as pedrinhas e seixos em seu leito, escuto o canto das roupas nas pedras, no batuque das lavadeiras, como quem entoia um lamento. Tomar banho de rio era o mesmo que tomar banho no chuveiro, para mim e a gurizada que morava por aquelas bandas. Todos os dias, o banho de rio era sagrado, era como se limpássemos as impurezas e nos renovássemos, igual a água corrente que percorre uma longa distância e descansa no mar. Saía de casa por volta de dez horas da manhã, chinelinha havaiana azul e branca, um pente, uma toalha e um creme para desembaraçar o cabelo. Na metade do caminho, avistávamos aquele mundo de água. Desse ponto em diante, já apostávamos corrida para ver quem chegava primeiro. Suas águas cortavam a estrada de chão onde improvisaram uma pinguela, espécie de ponte que não era feita com paus, mas com um grande cano de ferro, formando um labirinto por onde a água escoava e de onde dávamos “os flecheiros” na linguagem da infância.



Atravessar aquele labirinto era uma aventura. Dava um frio danado na barriga. Segundos de clausura e escuridão até a outra margem, de água clarinha, aspirando um ar puro que limpava os pulmões. Era tanta água, tanta gente. Meninos e meninas brincando. Anáguas, vestidos, todos estendidos sobre a pedra para “alvejar”. Lavadeiras ganhando o sustento em tempos difíceis. Pescadores de camarão e peixe. Era

tanta vida escorrendo para o mar. Era assim de domingo a domingo. Dias santos e feriados também. Hoje, o que desce no rio são dejetos de uma cidade que cresceu esquecendo sua infância. Há lama. Lixo. Morte. Mas lá no fundo, bem embaixo da terra e nas minhas lembranças, ainda há um rio, que vez ou outra teima em me visitar.

Os brinquedos nas prateleiras | Depoimento

PAULA SALVARANI

Bacharel em Direito e mãe da Lara

Aqui em casa não existem brinquedos espalhados pela casa, aliás, eles nunca saíram das prateleiras onde estão guardados. Aqui não há gritos de euforia na hora de brincar. Não há mundo mágico da infância, aquelas histórias tão cheias de imaginações. Não sei se a Lara prefere brincar de bonecas ou se prefere jogar bola. Se prefere as princesas ou o Mundo-Bita. Talvez as duas coisas?! Não sei. Sabe aquela vozinha tão doce chamando mamãe, mamãe, mil vezes mamãe? Eu nunca ouvi. Sabe por que estou escrevendo esse texto agora? Porque ontem me deparei com uma cena que me deixou pensativa: uma mulher puxando os cabelos do seu próprio filho. E sabe qual o motivo? A criança correu e se empolgou no corredor do supermercado. Eu não estou julgando a atitude daquela mãe. Sei que as crianças correm e se empolgam quando estão fora de casa. Mas para mim, seria uma grande realização se a minha filha pudesse brincar onde ela se sentisse à vontade, mesmo se esse espaço fosse num supermercado. Seria maravilhoso ter vários brinquedos espalhados pela casa, isso seria um sinal de que alguma criança estava brincando. Também seria maravilhoso se a minha pequena Lara pudesse me chamar de mamãe e não quisesse os braços de ninguém mais, apenas o meu colo. Queria que ela fosse meu “chicletinho”, sempre grudadinha em mim. Mas, infelizmente, minha Larinha, desde os primeiros dias de vida, teve que ficar “sozinha”, num bercinho da UTI, e eu não pude fazer nada para me aproximar dela. Tinha que ficar ali, olhando de longe. Se eu pudesse dar um conselho para uma mãe, tão cansada da maternidade real, diria: Deixe as crianças serem crianças, não tente transformá-las em pequenos robôs. Tenha calma! Vai passar! Elas crescem tão rápido! Criança feliz grita, corre, não para. Parece que tem formiguinhas nas fraldinhas. Querem explorar tudo a sua volta. E isso exige paciência da nossa parte. É preciso ensinar mil vezes. É preciso não sair do seu autocontrole, contar até 10, beijar mais, abraçar mais e parar para ouvir suas incríveis historinhas quantas vezes forem necessárias. Tudo isso molda as memórias e recordações de uma infância feliz.

Sei que a maternidade para algumas mulheres é triste, dolorosa e talvez cansativa. Entretanto, é preciso mudar a direção do nosso olhar e começar a louvar a Deus pela saúde dos filhos. Claro que educar não é nada fácil. É preciso pulso firme. Mas é preciso, acima de qualquer coisa, educar com amor.



Mistério profundo, a barriga de Luzinete | Romance

JOSEMIR CAMILO

Presidente da Academia de Letras de Campina Grande

A cadeia tinha um capítulo à parte: dona Luzinete, a que matou o filho, criancinha, anjinho, sem batismo, que não queria o filho daquele cabra safado. Especulava-se a maneira do assassinato e rumores apontavam que ela, no entardecer, fingiu lavar umas roupinhas do anjinho, ou o próprio, encheu a bacia e fingiu jogar a água suja da bacia no rio, ali, no canal de Goiana, mesmo, com criança e tudo. Não parecia triste, nem arrependida. Calada, a princípio, foi-se soltando e chegou a gaitadas. Cozinhava bem, e paga, para quem estivesse de guarda. E foi quando cozinhava para as praças de guarda, que foi obrigada a deixar a panela no fogão de barro e correr, como mandou Vicente, quando a briga na cela grande começou. Vá e se tranque! Só saia se eu mandar! Assim fez, ainda bem que a panela não queimou. Vicente, à boca miúda, só a chamava de a condenada, com raiva; falava com ela para pouca coisa, nenhuma, e sempre sério, e ela, respeitosa, sim senhor. Pra ela, ele não era de puxar conversa, não. Cara enfarruscada.

Apesar de feiosa, com gorduras mal distribuídas no corpo e no rosto, cabelo curto, parecido cortado à faca ou à tesoura, às cegas, era a única mulher a passar todos os dias e quase todo tempo à vista dos presos. Até soldado se interessava, discretamente, por ela. Até o filho caçula de Vicente sentia alguma coisa estranha quando a via, passando de sua cela para a área aberta, onde deu para cozinhar para o cabo da guarda. Com aquele vestido

meio curto, que deve ter sido da juventude dela, antes de empenhar, agora meio gorda, deixava aqui e acolá aparecer algum 'toicinho' de perna, ou de barriga, na descostura ou rasgo da roupa. Os dentes, pretos de fumo. Feiosinha. Mas devia ser o delírio dos mais de 20 presos dos três salões conjugados, da ala da frente, sendo que a grade da sala do meio dava de frente com a cela de Luzinete. Sua cela era pequena, de uma porta só, e de madeira, de mais de um metro de largura, a porta, com uma portinhola com ferrolho, que era fechada à noite, pelo cabo da guarda. Era o último e o único, àquela hora, que podia lançar um olhar sobre Luzinete, deitada na tarimba de madeira, talvez com coxas ricas em celulite à amostra, ou bunda pra cima, coberta com algum trapo de pano, ou deitada na rede, provocando soldado. Quando o teto das três salas conjugadas caiu naquela chuvarada de 57, veio uma força tática da penitenciária de Itamaracá e levou todos os presos. Luzinete foi num carro,

separada dos homens e do menor que estava condenado por morte, que devia ser levado para Papacaça. Nunca mais Luzinete, a feia, deu sua luz à cadeia.

Mas ela, quando desceu pra Itamaracá, foi prenha, viu? O velho soldado, colega dos tempos de Vicente insinuava alguma coisa. Eita! Foi mesmo? Perguntou o filho de Vicente. Estranho malefício sem autoria, então. O também militar reformado, filho do tomador de conta da velha cadeia de 1924, porque era o que o soldado Vicente era: tomador de conta, não percebeu a fina ironia do nonagenário. Não era simples cabo de guarda e que era mesmo, em quase todas as noites, tirando guarda dos camaradas que queriam farrar na Barra. Além de passar boa parte do dia consertando sapatos em sua banquinha no grande salão de tarimba do destacamento. A insinuação estava lançada. A inveja agora corria solta.

O dono da cadeia, era dono da cidade. Camaradas tinham inveja, raiva, mas adoravam ter tantos dias de folga, pagando Vicente, para fazer o trabalho deles. E Vicente tomava conta do único cinema, à noite; tomava conta do campo de futebol, quando havia jogo; era chamado pelo dono da usina, nos dias de pagamentos dos funcionários e era chamado, com exclusividade, pelo juiz de Direito, Dr. Charles, para conduzir presos em dias de julgamento. Já com a família de quatro filhos, casamento esfriado, muitas noites na cadeia, Vicente não dava tropeço.

Pois foi, coronel! Luzinete já desceu prenha! Agora quem foi, quem num foi! Sabe-se Deus!



A RUA DA SAUDADE

Ádamis Oliveira

Poeta

Toda vez que eu virava àquela esquina
Vendo a placa que nomeava a rua,
Eu lembrava que nela a casa sua
Adornava, tão bela, minha rotina.

Mas à casa eu era indiferente.
Na verdade, o que sempre reparava
Era a dama que na casa morava
E em meus dias, por dias, foi presente.

Entretanto, por lá, não mais a vi.
Se mudou! Hoje cedo eu descobri
Me afogando de infelicidade.

Por saber que ela ali não mais verei,
Outra placa na rua eu coloquei
Pra chamá-la de "Rua da Saudade".

Papicha | Resenha

ERNANI TERRA

Escritor, pesquisador



Entrou em circuito comercial em pouquíssimas salas (assisti no Espaço Itaú de cinema - inteira a 38 pilas, meia a 19), Papicha, filme pré-selecionado argelino ao Oscar de melhor filme internacional. Anteriormente, fora exibido na 43a. Mostra de Cinema. Baseado em fato real ocorrido em Argel na década de 1990, o filme tem como personagem central Nedjma, uma estudante universitária, a Papicha, interpretada pela lindíssima Lyna Khoudri, apaixonada

por moda e possuidora de enorme habilidade para desenhar vestidos. Papicha organiza um desfile de moda em que pretende apresentar suas criações. O desfile é um ato político em que a jovem estudante universitária mobiliza colegas e pelo qual se insurge contra o machismo e a religiosidade de um governo que pretende transformar o país em estado islâmico, em que à mulher só cabe procriar e servir seu homem. Se os valores arcaicos são uma forma de controlar os corpos das mulheres, o vestir-se sensualmente é a forma que Papicha encontra para manifestar sua rejeição aos valores do conservadorismo islâmico. Papicha veste-se como uma jovem ocidental: usa jeans, mostra as pernas, não usa o véu islâmico. Além disso, pinta-se, passa batom, fuma cigarros, ouve e dança rock e reage à pressão e à campanha para que as mulheres usem o hijab, a vestimenta feminina típica do Islã. A manifestação pública da sensualidade é sua arma. Uma jovem e corajosa revolucionária. numa sociedade ultraconservadora que vive uma guerra civil. Com sua habilidade de desenhar modelos de roupas, organiza um desfile de moda em que suas colegas usam modelos de hijabs por ela criados que revelam a beleza e a sensualidade da mulher islâmica, o que -evidentemente- será alvo de reações violentas não só por parte de homens, mas também por parte de mulheres conservadoras. Não tenho dúvidas em afirmar que Papicha é um dos melhores filmes deste ano. Que nesses tempos de conservadorismo damaresiano, a jovem Papicha nos sirva de exemplo de resistência.

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: um livro marcante | Resenha

SAMARA ROSAS SILVA

Esse livro conta a história da adolescente Anne Frank, que viveu durante a Segunda Guerra Mundial, juntamente com sua família e outras pessoas, num anexo, presa, escondida.

“A boa Anne, portanto, não aparece quando tem gente, até hoje nunca se mostrou, nem uma só vez, mas é a que predomina quase sempre quando estamos a sós. Sei exatamente como desejaria ser, como sou, aliás... lá no íntimo.”

O que eu posso dizer é que me identifico com ela. Uma menina silenciosa e às vezes sufocada entre quatro paredes. Muitas vezes me sinto sozinha, apesar da companhia das pessoas. Parece até que escrevi algumas páginas do diário.

Enfim, todo o livro me fez pensar muito, mas as últimas páginas foram fundamentais para conhecer a verdadeira Anne. Ela dizia que existiam duas Annes em uma só. Uma que as pessoas conheciam apenas como “Anne” e outra que não era tão agradável. Apesar dessa dualidade, ela desejava ser uma pessoa melhor, sentia que havia a primavera dentro dela, que precisava florescer. Não só fisicamente ela estava presa, sua alma estava aprisionada, ansiava pela liberdade. Liberdade de corpo, liberdade de mente, liberdade de alma.

O Diário de Anne Frank mudou a maneira de eu enxergar a mim mesma e também o mundo. Recomendo que você não apenas leia, mas tente se imaginar no lugar da Anne. Tente sentir cada sentimento que ela viveu. Ler é isso: criar laços e sentimentos.

CACTOS

cibele laurentino

Poetisa

Encontramos cactos no caminho,
Encontramos, pedras, espinhos,
Entre os cactos, flores,
Encontramos água,
Beleza, amor
Natureza.
Você que tanto fez,
Mágoas, magias, oferendas.
Encontrei uma flor.
No coração,
Uma pérola, talvez.
Não tive tempo.
Sua missão acabou.
Você se foi.
E eu fiquei
Contando o cheio que senti.





JURANI, MAILSON E O LIVRO NO MAAP

Memórias de um escritor | Resenha

JURANI CLEMENTINO

Poeta, escritor, membro da Academia de Letras de Campina Grande

O livro “A Cidade” do poeta, odontólogo, ator e escritor cearense Mailson Furtado, escolhido como o livro do ano e vencedor do maior prêmio de literatura do país, o Jabuti, tem o cheiro e o gosto do sertão. Ao ler você revive muitas memórias afetivas. Esta semana eu tirei um tempinho para conhecer a obra que foi gentilmente autografada pelo autor durante seu lançamento aqui em Campina Grande. Depois que li, fechei os olhos e fiquei imaginando.

Ora, a cidade de Mailson pode ser a minha cidade, a sua cidade, a cidade de todos nós. Pois nela existe o cheiro, o sabor a dinâmica que toda pequena cidade possui. É uma cidade de gente, com casinhas deselegantes de concreto, ruas ainda não batizadas, praças e igrejas. É uma pequena cidade sertaneja banhada por um rio que sempre deságua no mar. Uma cidade com meninos correndo pelas ruas desniveladas com seus paralelepípedos desiguais. Cidade da feira semanal, das missas e dos cultos. Cidade de ruas com pessoas conversando todo fim de tarde nas calçadas. Cidade de noites ora movimentadas, ora solitárias e desertas.

É o tipo de cidade que habita e pulsa dentro da gente. Porque trata-se de memória, de história de saudades no plural. Saudades do dia de finados que íamos visitar os ausentes para sentir um pouco de suas presenças. O livro trata de questões do presente, passado e futuro e, acredito que, praticamente todo mundo conhece, conheceu ou conhecerá uma cidade como esta desenhada em versos por Mailson. Basta observar com um olhar curioso para perceber que presente, passado e futuro coexistem.

Memória: Nossa maior inimiga ou nossa maior aliada? | Poesia

CATHARIE B. DE SOUZA

Poetisa

Quando eu amo, quero lembrar,
Quando me separo, quero esquecer,
Quando venço, quero lembrar,
Quando perco, quero esquecer,
Quando me divirto, quero lembrar,
Quando tenho raiva, quero esquecer.
Memoria inimiga!

Quero esquecer e você não deixa...
Aquele coração partido,
Aquele promessa quebrada,
Aquele vitória perdida,
Aquele tempo sem dinheiro,
O aperto financeiro,
Aquele magoa guardada,
Te faz minha inimiga,
Pois tudo que eu queria,
Era não lembrar de nada.
Memoria amiga!

Amo você...

Guarda as recordações que me faz viver,
E qual seria o sentido sem ter você?
Pergunta a Alzheimer...

Que te mata aos pouquinhos,
E faz você perder,
Tudo que aprendemos,
A certeza do que somos...
Memória amiga!

Não importa vencer,
Não importa perder,
Não importa chorar.
Nem sorrir, nem sofrer,
Importa só lembrar
Que tudo faz parte da vida,
E se não lembrasse...
Não teria sentido amar,
Muito menos viver.



**a cidade de Mailson pode ser
a minha cidade, a sua cidade,
a cidade de todos nós**

O ponto de partida | Artigo de opinião

EMÍLIA GUERRA

Escritora, poetisa

O agora documenta o ontem, em todas as reminiscências acomodadas na memória pertinente no ponto de partida para todos os manifestos; para vivermos no amparo e busca para novas histórias.

No anseio de investidas do sonho da Esperança do cotidiano desafiador, no reflexo do que somos, fomos e queremos ser nessa trilha de nossa identidade. Isto em resgate de nossa feitura de pensar, agir e até intuir nosso acaso e caso construtores de nossa própria história, sendo esta conciliada com o meio que nos cerca e provoca. Nosso caminhar permanentemente em construção.

O Ponto de partida, na referida construção (peculiar e única), tendo como marco central a formatação e realidade total de nós mesmos. O comando dele originário se adensa no meio da convivência com tudo e todos, gerando e fazendo contribuir à arte que brota na nossa memória: atos, ações, lições, vigência de afetos, desafetos e coisas colhidas na linha do tempo.

Fato é que ninguém se iguala a ninguém: somos individuais e pessoas independentes umas das outras, no desafio do bem e do mal, fazendo nossas escolhas peculiares, bem como na acolhida de pessoas-gente e/ou histórias necessárias de resgate.

Vale salientar que somos uma soma, pois nossa história acumula todo o nosso passado repassado na divisão de nossos valores, ou seja, em partilha das ações por nós praticadas como exemplo.

Somos Subtração, quando ofertamos uma divisão de história nefasta, deixando de multiplicar o bem e a ternura.

Dentro da minha poética digo: “Somos muitos e somos todos, o remanso da PAZ, que começa em nós, atirando a primeira flor”. Todos podemos ser agentes transformadores, mediante o aprendizado a nós ofertado, nesta travessia desafiadora, a afim de construirmos novas histórias com terna motivação. Assim, somos pessoas melhores, conforme afirma Paulo Freire: “Aprender e aprender”. Como podemos aprender sem oferta de aprendizagem? Precisamos conhecer nossa história, através do aprendizado sobre nós mesmos, na motivação de virmos a considerar nossos atos anteriores e o transportarmos para no nosso agora; e fazermo-nos sempre na arte do SER.

O QUE SINTO POR VOCÊ

Elisabeth Garcia de Araújo

Auxiliar de Serviços Gerais, poetisa

Quando contemplo o mar e os
Grãos de areia da praia, lembro
Da intensidade do que sinto por você

Feiticeira | Poema

SIMONE PEDERSEN

Escritora

Não espere de mim
Atitudes razoáveis,
Palavras sob medida,
Ou sonhos de andorinha.
Vivo dançando entre a
Imagem e o perfume,
Sem forma definida...
Fotografia sem objeto,
Sentimento sem lei.
Procuro transcender a filosofia,
Rir apenas das feridas
Continuar sem despedidas.
Pois nasci na Idade Média,
Fui criança há duzentos anos
E só envelheço no terceiro milênio.
Como as bruxas e as fadas,
A matemática não se aplica
À minha alma dançarina.

DOCE MEL

Erivan Dantas Da Silva

Vigilante, poeta

Quantas vezes eu derramei lágrimas ao vento
Que caíram em forma de chuva e banharam as flores
Pelas flores passaram as abelhas
Que produziram o mais doce mel
Que hoje experimento na tua boca.





FOTO DO ACERVO DO AUTOR: O ALPENDRE DE NENZINHA

No alpendre de Nenzinha | Poesia

TIAGO MONTEIRO

Escritor, poeta

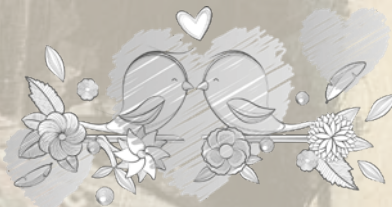
Cortinado bem florido
Porteava a camarinha,
Um pote desses de barro
Bem no canto da cozinha,
As regras, vó quem ditava
Quando a gente se encontrava
No alpendre de Nenzinha.

O almoço era composto
De feijão, arroz, farinha,
Na mistura, quase sempre,
Uma carne bem sequinha,
Não se tinha muito luxo,
Mas a gente enchia o bucho
No alpendre de Nenzinha.

Um rádio AM velhinho
Era ligado à tardinha
Enquanto vó preparava
Pro jantar, uma galinha,
Fogo de lenha abrasado
E a gente bem informado
No alpendre de Nenzinha.

Vô chegava das caçadas
Trazendo nhambu e rolinha,
Despejava o resto d'água
Que sobrara na quartinha,
Pra poder tratar a caça,
Depois comer com cachaça
No alpendre de Nenzinha.

Hoje só resta a saudade
Do meu vô e de vozinha,
Personagens da história
Dos meus primos e da minha,
Depois que Deus os levou,
Ninguém mais se encontrou
No alpendre de Nenzinha.



SOBRE AMORES
e saudades

a estrada de ferro me rasga
e rasgou a expectativa de tantos
por oitenta anos a cada semana

rasgou terra
rasgou ruas
cortou o rio
sem pedido
sem licença
sem pena
atropelou mato
bicho

gente
de saudade
na partida
de vontade
de partir

foi
vem

vai
trem

é sério
é trem
é forte
como tantas marias

é trem

que por birra
é sério
é bruto
não nega
(herdei isso dele)

ligou meu sangue ao siará
foi por onde meu vovô construiu
um pedaço de fortaleza
por onde vovô viu
ghiggia calar o maracanã em cinquenta
por onde estações inventaram
lugares sem nome
e sem nome eu nasci

tal maria
levou o ouro branco de meu pai
aos ingleses

levou um pedaço de mim
e quando criança
me levava a perguntar
onde se escondia
depois de passar perto da casa de tia geni
junto de sua fumaça

longe do silêncio
longe dos pássaros
hoje sei
que namorava as carnaúbas e xiquexiques
na estrada comprida rumo à capital

MAILSON FURTADO

à cidade | Livro do ano |



Do tempo de...

EFIGÊNIO MOURA

Escritor, jornalista, membro da Academia de Letras de Campina Grande

Quando eu penso em escrever alguma coisa, a saudade é a primeira a se amostrar na fila dos desejos e sai cotovelando quem se apresenta primeiro, e lógico, saudade anda empareado com memória.

Todos os meus livros são assim: ando eu no oco do mundo, em riba dum jegue e nos caçuás, lembranças de mói, as vezes eu até invento algumas.

Eita Gota!, meu primeiro livro fala de uma viagem que eu nunca fiz mas que morro de saudade dela, das estradas, das cidades, das ruas, das conversas, das situações.

Contar pabulagem é típico do homem sertanejo, então saudade do que nunca aconteceu é o tema principal em qualquer roda de conversa. Certa vez, me contou professor Adelmo lá de Teixeira, que havia um mentiroso em sua cidade que quando houve uma chuva de trovões e raios na serra, no outro dia de manhã encontraram enganchado numa aroeira velha um saco branco e enorme mas quieto, rasgaram o saco com uma peixeira de doze polegadas e o que tinha dentro dele? Um trovão ficou preso.

A contação força a memória de algo que nunca aconteceu mas que a gente comprime os olhos para ter a certeza se aconteceu de verdade, pra ver o tamanho do trovão, do rasgo do saco e até do cabo da faca peixeira.

No meu livro Ciço de Luzia, há uma saudade em que eu tocava nela, que alisava ela e até beliscava ela, de acordo com a situação. As férias de minha infância, o romance amolecido, acontecido ou não.

A estória que nunca aconteceu dentro de um mundo que era de verdade. Saudosismo é o começo da ideia de muitos escritores, quiçá de todos.





O ROSTO DO MEU PAI ou o dia em que conheci o Rei do Baião | Crônica

MIRTES WALESKA SULPINO

Eu tinha entre 9 e 10 anos, finalzinho dos anos 1980, quando numa noite de São João fui conhecer o meu pai. Isso mesmo, conhecer. Deixa eu explicar: quando ele e minha mãe se separaram eu nem dava por gente ainda, nem tinha aprendido a falar direito. Eu acho.

Houve toda uma preparação nesse dia. Vestido tipo jardineira, vermelho com algumas bolinhas brancas. Recomendações. Sapato vermelho novo, estilo boneca ou Dorothy do Mágico de Oz. Pulseiras que mal deixavam eu baixar o braço. Tudo novo e brilhante para a novidade que se abria para mim.

Morávamos em uma cidade próxima a cidade do “Maior São João do Mundo”. Isso mesmo, Campina Grande. Minha mãe iria aproveitar para, após a visita ao meu pai, ir para o Parque do Povo, um lugar onde é realizada até hoje a tradicional festa junina. Ela iria com os primos, cariocas, para a “Noite de São João”, dia 24 de junho, mais precisamente.

Fomos num Fiat 147, todos estavam eufóricos, conversando, rindo, roupas novas, perfumes se misturando, loção de barbear.

Eu e meu sapato vermelho de bico fino em silêncio. Um frio na barriga e um olhar distante. Aquela conversa toda, aquela fita tocando o sucesso mais recente de Alcimar Monteiro, “Ela nem olhou pra mim”, iam se misturando aos pingos da chuva fina que escorriam pelo vidro do carro e embaçavam toda a paisagem.

Meu pai, que eu iria conhecer, era uma novidade para mim. Sabia que tinha um monte de tias e tios. Avós. Que eu nem sabia de onde vinham, nem por quê os pedia a benção. Até que um dia, minha mãe, numa parada de ônibus, me contou...

Lembro a rua, o que tinha ao redor, uma parada de ônibus amarela, com o número da linha que passava ali, de vermelho. Lembro até a cor da casa em frente a parada. Azul.

Só não lembro o que eu disse ou qual foi a minha reação. Talvez esse “não lembrar” foi justamente o silêncio do momento; da situação embaraçosa.

Chegamos na casa da minha avó, um monte de gente na frente. Todos me olhavam e eu de cabeça baixa, só via o brilho dos meus sapatos vermelhos, ou quem sabe era o reflexo do meu rosto.

A casa da minha avó não era tão grande. A porta de entrada já dava na calçada, tinha uma sala cheia de quadros nas paredes. Um retrato grande do Papa João Paulo II, minha avó era devota. Lembro que andei muito da entrada da casa até a cozinha, onde meu pai se encontrava. Mais uma vez, todas aquelas falas, todas aquelas risadas e abraços se misturavam aos quadros e a imagem do Papal sorrindo para mim.

Não lembro minha reação, nem a dele.

Lembro que ele era alto, pois me colocou no seu colo e fiquei bem perto do céu. Ou assim eu me senti.

Minha mãe tinha feito toda uma programação para que eu passasse o final de semana com ele, meu pai. Nada disso aconteceu.

Chorei muito. Não queria ficar ali. Não queria ficar com ele, com o meu pai. Não o conhecia.

Parti com minha mãe e seus primos para o Parque do Povo. Não sei o que meu pai sentiu. Mas eu lembro o que eu sentia naquele momento. Estranhamento.

Era noite de São João. Estava frio. Entramos no carro, todos em silêncio. Nessa hora eu vi um balão no céu e sorri. Não lembro o rosto do meu pai, talvez o brilho do meu sapato vermelho tenha ofuscado o momento. Mas me recordo que nesse mesmo dia, no Parque do Povo, numa noite de São João, conheci e abracei o rei do baião. Seu Luiz Gonzaga.

Infância | TIAGO MONTEIRO

Inventei de mexer num velho armário
Que guardei velhas fotos do passado,
E num quadro bastante empoeirado,
Recordei meu primeiro aniversário.

O meu pai preparou todo o cenário
Que mamãe decidira com cuidado,
Com recurso bastante limitado,
Pois meu pai nunca teve um bom salário.

Uma casa humilde, mas que tinha
O feijão, o arroz e a farinha,
Mas não tinha espaço pra tristeza.

A infância eu vivi como Deus quis,
Com papai e mamãe eu fui feliz,
E o amor superou toda pobreza.



CARTA PESSOAL

SAMMELLY XAVIER

Escritora

Pai, hoje tenho uma difícil missão: transformar este aglomerado de sentimentos em uma carta para o senhor. Ela deve falar de saudade, sabe, pai? Lembrei que a língua portuguesa tem em seu contexto uma única e imperativa palavra para falar desse sentimento: SAUDADE.

Imagine se não fôssemos brasileiros? Como expressaria este meu sentimento? Pensando nisso, procurei no dicionário o significado - Saudade s.f. (Do lat. solitas, solitatis, solidão, soledade) - 1. Recordação suave e melancólica de pessoa ausente ou coisa distante que se deseja voltar a ver ou possuir, - 2. Nostalgia, - 3. Pesar, mais pela ausência de alguém que nos é querido.

Das três, gostei mais da última, porém, não concordei inteiramente com nenhuma. O senhor acha possível sentir saudade de algo que nunca se teve? Pois é isso que acontece comigo. Sinto saudade das conversas que não tivemos, das permissões que nunca pedi, dos olhares que nunca trocamos, dos filmes a que nunca assistimos, das atividades de casa que o senhor poderia ter me ensinado, de atrapalhar seu sono à noite por estar com medo de um pesadelo, do seu colo que poderia ter me acalentado enquanto eu chorava, do seu abraço que poderia ter me envolvido quando eu estava feliz.

Sinto saudades das trocas de sonhos, até dos possíveis “sermões” eu sinto saudade, acredita?

Sabemos que não houve culpado na nossa separação, certo? Uma doença não é o motivo de alegria, também não deve ser alicerce para lágrimas e dores. Os médicos disseram que a doença se manifesta com grandes emoções, e foi no casamento com minha mãe que ela surgiu. Passaram-se 14 anos até que quase “milagrosamente” eu nasci. Disseram que o senhor teria uma probabilidade de melhorar ou de piorar; “mainha” me falou que durante um ano tudo ficou bem, porém depois o senhor ficou mais agressivo e teve que ir morar no hospital. Fui crescendo e ouvindo falar do senhor de duas formas: por minha mãe que

sempre me mostrou o grande caráter que tem; e pelas pessoas que parecem não entender minha falta de traumas.

Uma coisa que me deixava com raiva eram os comentários dos colegas escolares, quando eu passava e ouvia “Essa menina é filha de um doido”. Eu tinha vontade de responder: “Meu pai não é doido, é esquizofrênico, uma doença genética. Louco é um cara saudável que não se merece, se maltrata, se humilha”. Na verdade, nunca respondi nada. (Não ria de mim, viu?). Eu não sabia pronunciar direito a palavra esquizofrênico (tinha uns 7 anos), e para não me atrapalhar, saía andando fingindo que não ouvia.

Sabe outra coisa muito engraçada? O modo como as pessoas falavam do senhor. As frases sempre começavam com “apesar de tudo, ele era...”, apesar de tudo o quê, meu Deus?

Diziam para eu não ter traumas; ao mesmo tempo que informavam ótimos psicólogos infantis para “mainha”. Eu pensava: “Mente de adulto não entende realmente nada de mente de criança” ...

Sabe por que eu era tranquila, pai? Porque tive uma mãe maravilhosa que me falava do senhor apenas como era. Graças a ela sempre encarei a vida de frente. Não tinha um pai alcoólatra, drogado, ladrão ou que traía minha mãe. Apenas tinha um pai doente, preso

em seu inconsciente, alguém que tinha muitas virtudes. Por isso fico feliz quando falam que nos parecemos. Nos vimos poucas vezes, não foi? Para ser exata, quatro. Espero que o senhor entenda. Eu não me sentia bem naquele hospital (muito sofrimento...), e em outro lugar não poderíamos nos ver. Toda noite eu orava pelo senhor, algumas vezes pensando nessa saudade.

Saudade tranquila que não me arranca turbilhões de lágrimas ou arrendimentos. O que sinto está liberto de imposições sociais. Transcende a matéria, acho que é saudade espiritual. O poeta Caetano Veloso disse que “de perto ninguém é normal”. Compreendo que a doença cerebral o impedia de lidar com algumas coisas, porém seu espírito é esvoaçante. Hoje acredito que está muito melhor do que quando carregava um corpo.

Poderão dizer que a louca agora sou eu... Escrever para alguém que já saiu deste mundo; mesmo assim, sei que está lendo tudo que eu escrevo. Ao começar com esta carta tive dois objetivos: O primeiro era homenageá-lo. O segundo diz respeito à frase que li no cartaz deste concurso: “Já imaginou o mundo todo lendo sua redação?”

Pensei: “Isso é bom! Poderei finalmente expressar o que sinto, e o que realmente sinto é que nunca me senti a criança sem pai, traumatizada, problemática”. Tento passar com isso que devemos sempre sorrir para a vida, já que ela não dá mais do que precisamos, nem menos do que merecemos.

Obrigado, pai! Pelas lições de vida que me deu através do que minha mãe conta do senhor. É um grande exemplo, e, por mais que eu escreva, uma vida não cabe em palavras.

Enfim, acabo de deduzir meu conceito de saudade, bem diferente do que o dicionário trouxe: Saudade (s. s. g. - substantivo sem gênero.) - 1. Ansiedade calma pelo dia do reencontro que com certeza acontecerá.

Querido pai, até lá!!! De sua continuação terrestre.

INSONE

Isabelle de Araújo Pires

Professora, escritora

Sobre o chão débil
Senta
sua carne desfalida
Leito febril
Que abriga o flagelo insano
da desafeição
As mãos
que elevam inópias urgentes
Não colhem
o amor devido.
Foi-se o dia.
Dorme o menino.
Sem sonho,
sem alegria
Até a sombra
furtou-lhe a companhia.



O MEDO DO CEMITÉRIO

Numa segunda-feira, dia 14 de março, de 2005, às 22:00, Daniel voltava do trabalho. Acontece que no caminho de casa ficava o cemitério das Almas Pendentes e ele morria de medo de passar por lá.

Antes da rua do cemitério, Daniel viu um burro amarrado numa árvore e pensou:

— Vou subir nesse burro para passar bem rápido, mas também vou fechar meus olhos para não ver nada.

Daniel montou no burro, fechou os olhos e seguiu em frente. Mas no meio do caminho, bem em frente ao cemitério, o burro empacou. Daniel achou que tinha atravessado a rua e abriu os olhos. Deu de cara com uma alma penada. De tanto medo ele não pensou em outra coisa. Botou o burro nas costas e saiu correndo. Correu tanto, correu tanto que ficou com as pernas bambas. Nunca mais Daniel passou por ali. Nem ele, nem o burro.

Jaciely Vitória | *Tertúlia* Nº 1

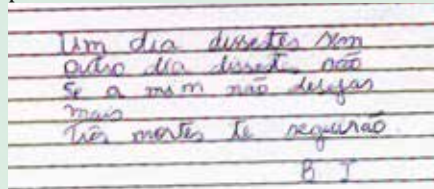
A CARTA ENFEITIÇADA

O carteiro Ziro tocou a campainha da casa de seu Clodomiro para lhe entregar uma carta misteriosa. A carta estava suja de sangue e com fios de cabelo. O carteiro desconfiou do conteúdo da carta e resolveu, antes de seu Clodomiro abrir a porta, abrir a carta para saber seu conteúdo. Quando seu Clodomiro abriu a porta viu o carteiro caído no chão com a carta na mão suja de sangue.

Agoniado, ele pegou a carta e chutou para longe. Em seguida chamou a ambulância do SAMU para socorrer o carteiro.

No dia seguinte, Ziro teve alta do hospital e seu Clodomiro foi buscá-lo. No caminho, o carteiro contou que havia um feitiço terrível na carta, como se fosse trabalho encomendado. Ele não queria ler a carta, mas uma voz dizia repetidamente: “abra e leia, abra e leia, abra e leia.

Seu Clodomiro se assustou, mas ao chegar em casa, por curiosidade, resolveu ler a carta. Nela estava escrito um poema de amor muito estranho:



Ele não entendeu o poema e levou a carta até a sua amiga que mexe com coisas obscuras, a Trevina.

Trevina leu a carta e disse:

— Realmente, existe um feitiço nesta carta e quem encomendou foi sua ex-mulher. Ela está o amaldiçoando porque você a trocou por outra mulher mais jovem.

E tem mais, todo aquele que ler a carta morrerá.

Seu Clodomiro saiu de lá aterrorizado e sem saber o que fazer. Já era noite e chovia muito. Saiu no carro em alta velocidade. No caminho, atropelou e matou um pedestre que saía de uma farmácia. Ele saiu do carro para ver quem era. Para sua surpresa, o corpo que estava no chão era do carteiro Ziro.

Perturbado, ele sai descontrolado e acaba capotando o carro. Não consegue resistir aos ferimentos e morre no local.

A chuva não dava trégua e com sua força trouxe muitos prejuízos. Um vizinho liga desesperado para o Corpo de Bombeiros porque sua vizinha estava soterrada nos escombros de sua casa de acabara de cair. Quando os bombeiros chegaram, não havia mais nada a fazer. Apenas recolher o corpo sem vida. Era Trevina.



E assim seguiu a sina daquela carta enfeitiçada. Todos que lessem iriam morrer. Ainda bem que você não leu.

Texto: Jaime Henrique Santos

Ilustrações: Amanda Ester

Tertúlia Nº 1

OS LADRÕES E O RETRATO DE PADRE CÍCERO

Espertus e Xutabalde eram dois ladrões amigos que resolveram deixar a vida de malandragem que durou 10 anos e devolver todos os bens roubados. Eles fizeram uma lista dos bens roubados: 8 cuecas sujas, 18 anéis de prata, um retrato de padre Cícero, uma boneca descabelada, 3 potes de biscoito, 1 cabide de roupa, 1 fã de geladeira, 3 vitrolas quebradas, 7 óculos sem perna, 33 dentaduras faltando dentes, 4 penicos usados, 11 pentes sujos e muito mais.

Só tinha um problema, eles não lembravam mais de quem eram aqueles bens. Daí eles foram numa loja de achados e perdidos e deixaram tudo lá, afirmando que encontraram os objetos perdidos na rua.

Porém, quando eles estavam saindo da loja, uma das vítimas os reconheceram e gritou:

— Ei, foram vocês que roubaram minha cueca suja na noite de São João, não foi?

Espertus e Xutabalde ficaram envergonhados e saíram de lá correndo. Mas estavam com a consciência pesada e queriam se confessar.

No dia seguinte, eles foram procurar o padre da cidade para se confessar. O que eles não lembravam é que tinham roubado o próprio padre. Então, muito bravo o padre falou:

— Cadê o meu retrato de Padre Cícero que vocês roubaram? Eu só perdoo vocês se me devolverem o meu padrinho Padre Cícero.

Como os ladrões não tinham mais o retrato de Padre Cícero, pois haviam deixados na loja dos achados e perdidos, ficaram imensamente envergonhados diante do servo de Deus.

O padre ficou muito triste quando soube que não teria mais o retrato de volta. E bastante irritado deu a seguinte penitência aos ladrões:

— A partir deste ano, durante 10 anos, vocês irão em romaria visitar a estátua do Padre Cícero no Juazeiro do Norte (CE). Vão fazer orações e ajudar as pessoas. Só assim terão os seus pecados perdoados.

Os ladrões responderam:

— Sim, senhor!

E assim aconteceu. Todos os anos lá estavam Espertus e Xutabalde na romaria de Padre Cícero. Parecia que eles haviam mudado de vida.



Texto: Jaime Henrique Santos

Ilustrações: Jayane Trajano da Silva

Tertúlia Nº 1



Um olhar no retrovisor e outro na estrada

TERTÚLIA ENTREVISTA A ESCRITORA **IÊDA LIMA**



Que raízes constituíram a história de Iêda Lima?

Sou paraibana de Campina Grande e nasci três anos depois do fim da II Guerra Mundial. Sou a filha mais velha de Otávio e Luzia, ambos paraibanos, nascidos em sítios localizados em terras que hoje pertencem aos municípios de Olivedos e Guarabira. Por isto mesmo, carrego em minhas memórias uma mistura de tribos indígenas Potiguares e Tarairus (uma ramificação dos Tapuias), Portugueses e Holandeses. Os Potiguares, que habitavam as margens do rio Mamanguape e da Serra da Capoa, ofereceram grande resistência a colonizadores franceses e portugueses, por volta do século XVI, por mais de 15 anos. Já os Tarairus, fixados no cariri paraibano, resistiram à colonização até final do século XVII, quando ainda eram considerados selvagens, indolentes e hostis. Sobre a origem portuguesa da minha linhagem, há indícios que a origem do sobrenome LIMA, presente nos nomes do meu pai e minha mãe, desde solteiros, seria proveniente de Lima, na Galiza, em

Portugal. Hoje, a nossa árvore genealógica carinhosamente chamada de “PÉ DE LIMA” contém 172 pessoas.

O passado chega até nós por meio das escolhas feitas. Que escolhas foram feitas por você para chegar até aqui?

O meu perfil rebelde, questionador e desbravador, herdado da minha mãe, e a curiosidade intelectual, o espírito conciliador e a dificuldade de dizer não, herdados do meu pai, definiram as minhas escolhas na vida pessoal e profissional. Quando criança, eu me dediquei de corpo e alma aos estudos, mesmo tendo que ajudar nas tarefas de casa. Adorava ler, escrever e cantar no coral da escola. Ainda adolescente, decidi trabalhar durante o dia e estudar à noite, para ajudar na renda familiar. Quando atingi a maioridade, migrei para Recife, em busca de trabalho melhor remunerado, para pagar a Universidade. Comecei a cursar História, mas tive que interromper porque fui perseguida pela Ditadura Militar que havia se instalado em 1964. Escolhi preservar a minha vida, saindo do país,

voltando somente depois da Lei da Anistia. Durante o exílio, escolhi fazer graduação em Economia de Transportes, profissão à qual me dediquei até me aposentar. Em paralelo, escolhi ser mãe de três filhos, que me deram seis lindos netos. Agora, posso voltar a escrever e seguir questionando.

Que fato/situação da sua história você gostaria de reviver e/ou esquecer?

Essa pergunta me fez lembrar aquela música “Ser Feliz”, da banda “Caraivana”. Se eu pudesse escolher onde nascer, a que família pertencer, conhecer os amigos, os amores, faria de novo. Mas, vou tentar pinçar algo. Eu gostaria de reviver o tempo da educação infantil e da primeira fase do ensino fundamental no Externato São José, destinado a alunos de famílias pobres, que funcionou no Instituto São Vicente de Paulo. Eu adorava comer a merenda (em geral sopa de fubá); brincar debaixo da gameleira; fazer a voz soprano no Coral “Canarinhos de Campina Grande”, regido pela também soprano Luiza Erundina, que depois veio a ser prefeita de São Paulo;



cantar o Hino Nacional na hora da entrada para a sala de aula; coroar Nossa Senhora no mês de maio, por ter notas boas; fazer redações, leitura silenciosa e em voz alta e interpretar textos; e voltar à tarde para fazer trabalhos manuais no Artesanato da escola. O que eu gostaria de esquecer? Do dia em que descobri que alguns dos meus alunos não conseguiam acompanhar as aulas porque sentiam fome, após fazer uma visita às casas deles.

As histórias do tempo de escola fazem parte da nossa memória. Existe algum fato interessante que você pode nos contar do tempo da escola?

Muito difícil extrair um fato dentre tantos outros interessantes que vivenciei. Mas há um muito especial que foi quando eu me submeti ao exame de Admissão no Colégio Diocesano Pio XI, que ficava na Av. Getúlio Vargas. Eu estava naquele momento me submetendo a dois desafios. O primeiro, obter média suficiente para ser admitida para o ginásio (5º ao 9º ano); o segundo era conquistar nota que me desse o direito de ter uma Bolsa de Estudos, pois meus pais não podiam pagar a mensalidade de um colégio particular. A notícia de que havia conseguido ganhar a Bolsa foi muito importante pra mim, pois aquela vitória havia sido conquistada dia a dia, quando ainda estudava no Externato São José. Os fundamentos de Matemática, Português, Ciências, História e Artes, que eu havia procurado aprender, com muita determinação, agora me davam a oportunidade de continuar crescendo. Foi o começo do grande salto de qualidade que dei na minha vida.

Na sua história escolar, qual foi aquele/a seu/sua professor/a inesquecível? O que tinha de marcante nas aulas dele/dela?

Foram dois os professores que mais marcaram a minha história escolar, ambos no Colégio Diocesano Pio XI. O primeiro, a minha professora de trabalhos manuais. Habilidade, exigente e muito carinhosa, ela nos ensinou vários pontos de bordados e de costura à mão. Mais que isto, ela nos ensinou a cuidar da higiene das nossas mãos e do pano que usávamos para bordar.

Ainda me lembro da frase que ela usava, quando baixava a nota de quem trazia o pano sujo, ou esquecia o material, sempre buscando nos orientar para a vida. O segundo professor inesquecível foi o de Português. Sua didática e sua paixão pela disciplina eram um estímulo para prestar atenção às aulas e fazer as tarefas de casa, em geral uma redação. Foi inesquecível o dia em que ele me entregou uma das minhas tantas redações, com a nota 10 escrita em cima e disse: “Você ainda será escritora!”. Saudades desses professores!

Geralmente, costumamos registrar as histórias vividas em arquivos, em fotografias, sentimentos, cartas, diários pessoais, registros de viagem. De que modo costuma guardar suas lembranças?

O meu baú de memórias é o lugar mais importante onde guardo minhas histórias. Vez em quando eu peço ajuda a algum irmão mais novo ou amigos contemporâneos daquele fato, para encontrá-lo no meio da bagunça de tantas lembranças guardadas. Em geral tenho tido sucesso e fico muito feliz. O outro meio preferido para registrar minhas histórias vividas são as fotografias. Costumava reservar uns dias das minhas férias para atualizar meus álbuns de fotografias impressas. Com a fotografia digital, precisei ter mais disciplina para tomar cuidado em identificar as datas e nomear os arquivos de tal modo a não perder a referência de tempo e local das fotos. Guardo também comigo alguns documentos pessoais, objetos ou peças de roupas de grande valor afetivo, que meus pais ou meus filhos usaram em momentos marcantes para minha vida.

Como escritora, publicou dois livros sobre memórias, uma autobiografia e outro de uma personagem fictícia. Como foi esta experiência de traduzir memórias em livro?

Foram duas experiências bem diferentes. A primeira, com a autobiografia *Um olhar no retrovisor* e *outro na estrada*, por meio do qual eu repassei 50 anos de vida, desde os 16 anos. Foi um processo ao mesmo tempo libertador e doloroso. Libertador porque eu estava trazendo à tona e requalificando fatos que eu tinha vivenciado e sobre

os quais guardava certos julgamentos e crenças. Doloroso porque descobri que os fatos mais traumáticos haviam ficado tão escondidos no meu baú de memórias, que somente pude resgatá-los com a ajuda de terceiros.

Já no livro *Ruído do Silêncio*, a história foi desenvolvida a partir de um relato de uma amiga que havia passado pela experiência de abuso sexual, quando criança, cometida pelo seu avô. Foi um processo em que eu assumi a dor do outro, para criar uma história em que a personagem conversava com sua “consciência emocional”. Fiquei feliz por fazer essa denúncia em forma de ficção e chamar a atenção da sociedade, para algo que é muito mais comum do que se imagina.

Saudade é uma palavra que nos remete ao passado. Quais são as suas saudades?

Sentir saudade de uma pessoa, de um lugar ou de um animal de estimação remete a uma lembrança que gostaria de ser revivida. Ou seja, é uma necessidade de reconexão com o que lhe deixou feliz, energizado, seguro, motivado, grato e pleno. São tantas pessoas e momentos que me fizeram sentir assim, que eu estaria sendo injusta com a vida que ganhei de presente, ao falar das minhas saudades! Mas há uma que é a maior de todas: a saudade do meu pai. Ele deixou este mundo com apenas 58 anos de idade, em 1983. Ele não teve a oportunidade de saber que seus filhos geraram 47 netos e 44 bisnetos. Muitos destes, por sua vez, não tiveram a chance do contato com seu avô e aprender com ele o que é respeitar o outro, saber ouvir, ter paciência para ensinar e querer aprender sempre mais.

Iêda Lima é natural de Campina Grande (1948), já residiu em Recife, Santiago de Chile, Dresden/Alemanha, Fortaleza, Brasília e Campinas e hoje mora em São Paulo. Mãe de três filhos e avó de seis netos, ela é autora dos livros de memórias “Um olhar no retrovisor e outro na estrada” e “Ruído do Silêncio”. Atualmente dedica-se ao que mais gosta: escrever. @iedalimaescritora





flibo

tertúlia

EM PARCERIA COM A EDUEPB

FRANKFURTER
BUCHMESSE



Juntos sabemos mais



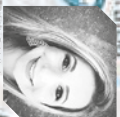
Editora da
Universidade
Estadual
da Paraíba



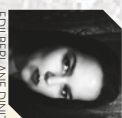
MAIS DE 5 MILHÕES
DE DOWNLOADS
EM EBOOKS



ESCOLA NOSSA SA APARECIDA MUTIRAO



UEFG - ESCOLA POETISA VICENTINA



ESCOLA JOSÉ PINHEIRO



ESCOLA ZULDEI PORTO



ESCOLA MAJOR VENEZIANO



R. João Carga Dagua

Aeroporto de Campina Grande



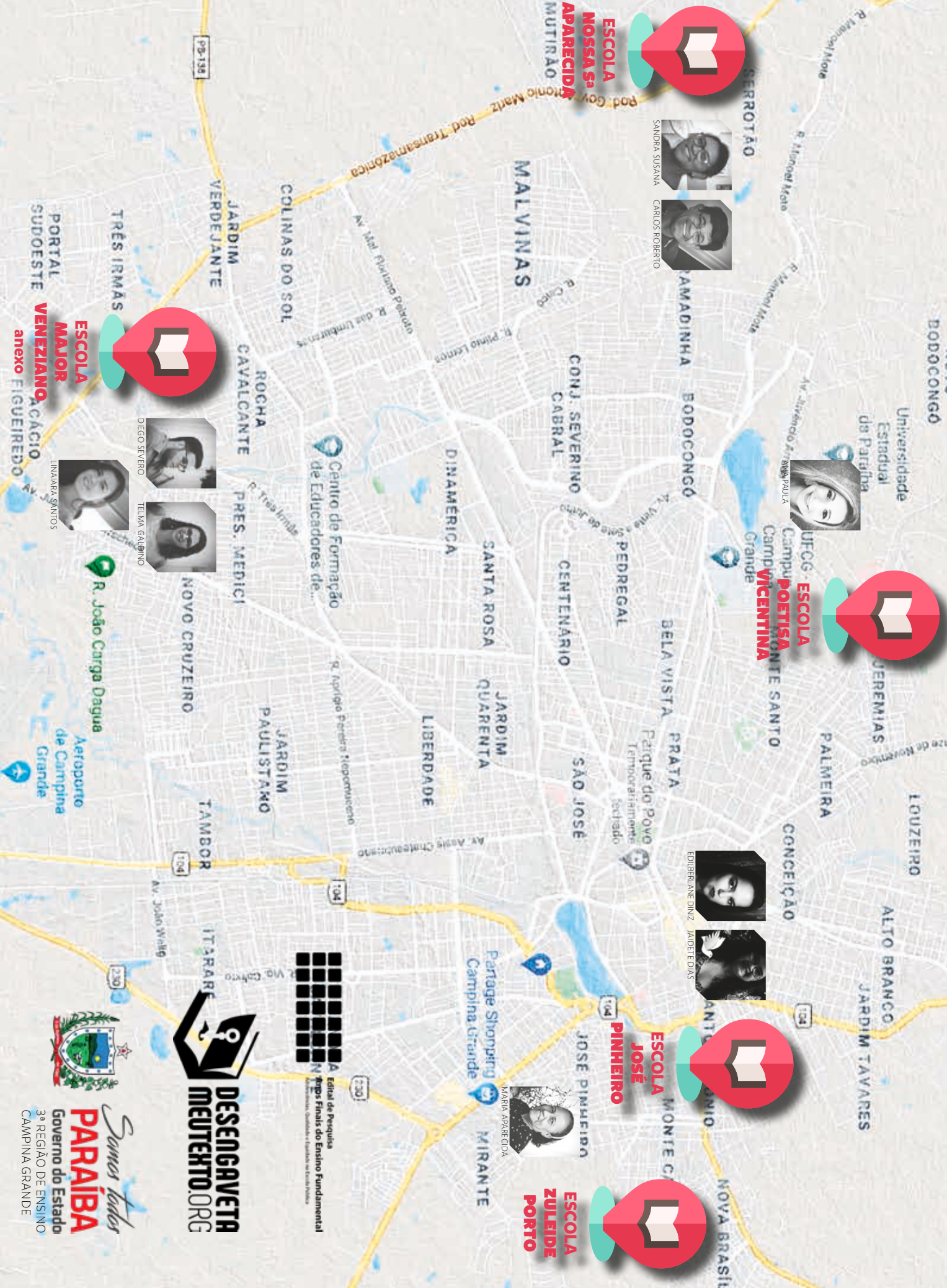
DESENGAVETA MEUTEKTO.ORG



Ministério da Educação



PARAÍBA
GOVERNO DO ESTADO
3ª REGIÃO DE ENSINO
CAMPINA GRANDE



Escrever à mão faz bem para o cérebro!

As comunicações digitais reduziram significativamente a escrita à mão, que deu lugar à utilização de teclados e telas táteis. Não faz muito tempo, a atividade da caligrafia despertava o exercício de regiões cerebrais fundamentais para o desenvolvimento das crianças e da boa saúde dos adultos. O ato estimula as áreas cognitiva, motora e visual, além de um conjunto de redes neuronais. Ao abandonarmos esse hábito, há a diminuição de algumas dessas atividades cerebrais.

No caso das crianças, a escrita à mão é importante para o desenvolvimento da motricidade fina, a coordenação entre o olho e a mão, o controle da motricidade geral e o movimento de pinça das mãos, segundo a neurologista espanhola Marta Ochoa, do Hospital HM, em Madri, na Espanha. A atividade é também importante para os adultos, ao fomentar a memória prospectiva e estimular áreas relacionadas ao olfato e ao tato. Além disso, escrever à mão também reflete no lado psicológico das pessoas.

De acordo com um estudo da Universidade de Indiana, a mera ação de escrever à mão desencadeia um tipo de criatividade que não é facilmente alcançada de outras maneiras, pois os movimentos sequenciais da mão ao escrever ativariam regiões do cérebro responsáveis pelas ideias, linguagem e memória.

Escrever uma carta, por exemplo, também funciona como um catalizador das emoções, desenvolve a criatividade e auxilia na organização das ideias, de acordo com a psicóloga Silvia Cintrano, do Instituto Centta, em Madri. Além disso, a escrita à mão ativa a memória e ajuda a focar o pensamento. Ao contrário, o uso da tecnologia substituiu o uso de algumas atividades cognitivas, motoras e visuais, que acabaram prejudicadas pelo desuso.

Mas isso não quer dizer que escrever em dispositivos eletrônicos seja prejudicial. Cintrano argumenta que tudo o que ajuda a expressar e ordenar ideias tem um benefício. Mas ela salienta que digitar em um teclado não tem o mesmo impacto que a escrita à mão.

Fonte: ABC e Forbes



OFICINA ERA UMA VEZ NA FLIBO

Autores

Aissa Vitória Mendonça Major veneziano Anexo.....	23
Davi Alves e Pedro Willi Poetisa Vicentina.....	21
Aline Nafitally Santos Major Veneziano Anexo.....	22
Allane Vitória José Pinheiro.....	13
Aluska de Souza José Pinheiro.....	11
Ana Beatriz Alves Major Veneziano Anexo.....	6
Ana Karolyna Tertuliano Maciel.....	11
Anna Madelyne Tertuliano Maciel.....	10
Beatriz Nicolly Major Veneziano Anexo.....	6
Camila Ingrid José Pinheiro.....	12
Cynthia Cibely Major Veneziano Anexo.....	6
Dayana Marques Nossa Sª Aparecida.....	15
David Henrique de Souza Nossa Sª Aparecida.....	14
Fabiano da Silva José Pinheiro.....	18
Flávia Ludmylla José Pinheiro.....	18
Gabriel Alves José Pinheiro.....	17
Gerlane Negreiros Sousa Padre Inácio (Flibo).....	11
Gilvan Maciel Júnior Tertuliano Maciel.....	15
Giselly Camila Amaral e Maria Eduarda Silva Poetisa Vic.....	20
Ivone de Oliveira Tertuliano Maciel.....	11
Joana Darc Rodrigues José Pinheiro.....	11
João Victor, Rodrigo Silva e Pedro Henrique Poetisa Vic.....	21
Katja Melissa Padre Inácio (Flibo).....	9
Katielle Cosme Padre Inácio (Flibo).....	8
Kaue Karlier Simplício José Pinheiro.....	11
Larissa Kelly Tertuliano Maciel.....	12
Leonardo Ernesto Nossa Sª Aparecida.....	5
Luiza Lima Neves Nossa Sª Aparecida.....	4
Marcos André Melo Major Veneziano Anexo.....	8
Maria Luísa da Silva Major Veneziano Anexo.....	22
Mary Correia Nossa Sª Aparecida.....	4
Matheus A. Oliveira Zuleide Porto.....	11
Miquéias Hemderson Nossa Sª Aparecida.....	5
Quezia Adelino Major Veneziano Anexo.....	22
Rayssa Ellen Nossa Sª Aparecida.....	5
Sara Brithian Nossa Sª Aparecida.....	5
Sarah Rosas Silva Major Veneziano.....	23
Silvia Sousa Barbosa Tertuliano Maciel.....	12
Thays Luana Tavares e Vitória Hellen Poetisa Vicentina.....	20
Victoria Emanuely Padre Inácio (Flibo).....	9
Wanderson Santos José Pinheiro.....	10

PROFESSORES DESENGAVETADORES

1. Ana Paula Cavalcante | Poetisa Vicentina
2. Carlos Roberto | Nossa Sª Aparecida
3. Diego Severo | Marjor Veneziano Anexo
4. Edilberlane Diniz | José Pinheiro
5. Jaidete Dias de Sousa | José Pinheiro
6. Linaíara Santos | Tertuliano Maciel | Major veneziano
7. Maria Aparecida Vidal | Zuleide Porto
8. Sandra Susana Santos | Nossa Sª Aparecida
9. Telma Galdino | Major Veneziano Anexo



Figos

Sylvia Plath (1932 - 1963)

"Vi minha vida se desenrolar diante de mim como uma figueira de um conto que havia lido. Da ponta de cada ramo, um gordo figo roxo acenava e me seduzia com um futuro maravilhoso.

Um figo significava um marido e um lar feliz com filhos, outro era uma poetisa famosa, outro uma professora, outro era Esther Greenwood, a surpreendente editora, outro era a Europa, a África e a América do Sul, outro Constantin e Sócrates e Átila, um bando de amantes com nomes esquisitos e profissões originais, outro ainda era uma campeã olímpica, e acima de todos esses figos havia muitos outros que eu não conseguia entender.

Vi-me sentada sob essa figueira, morrendo de fome, só porque não conseguia decidir qual figo escolheria. Queria-os todos, e escolher um significava perder o resto. Incapaz de me decidir, os figos começavam a murchar e apodrecer, e um a um caíam no chão a meus pés."

Sylvia Plath



juntos sabemos mais!



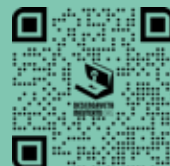
/desengavetameutexto

© Desengaveta meu texto

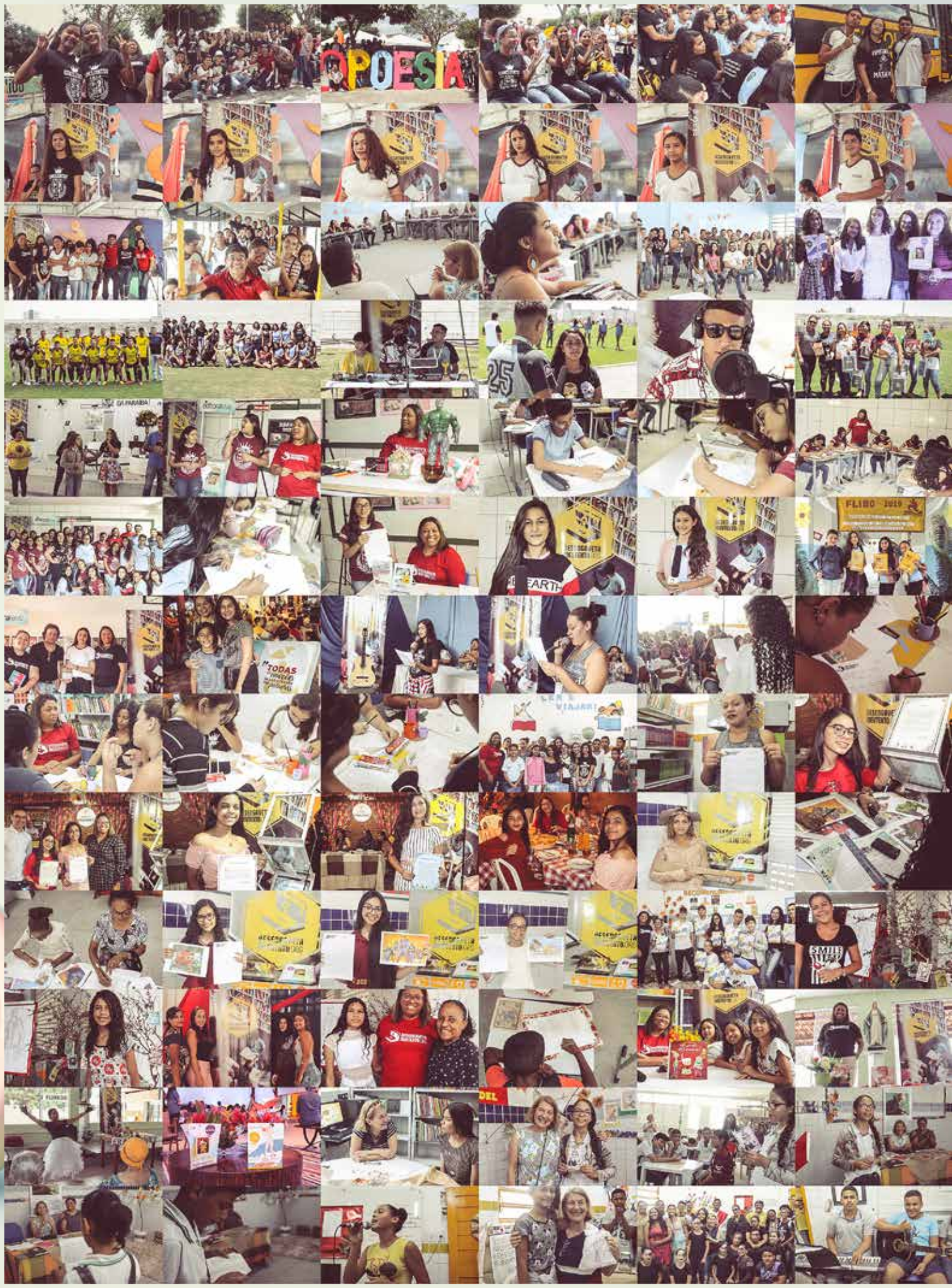
Ações de incentivo à leitura, produção e circulação do texto do aluno e do professor. Desengavetamos textos, sonhos e oportunidades. Campina Grande. Paraíba. Brasil

Coordenação: Patrícia Rosas

+55 (83) 98854.5881
contato@desengavetameutexto.org



Edital de Pesquisa
Anos Finais do Ensino Fundamental
Adolescência, Qualidade e Equidade na Escola Pública





3ª REGIÃO DE ENSINO
CAMPINA GRANDE

NESTA EDIÇÃO:

ESCOLAS

José Pinheiro

Major Veneziano | Anexo

Nossa S^a Aparecida

Poetisa Vicentina

Zuleide Porto



**DESENGAVETA
MEUTEXTO.ORG**

Textos. Sonhos. Oportunidades!



Edital de Pesquisa
Anos Finais do Ensino Fundamental
Atividades Inovadoras, Qualitativas e Equilibradas na Escola Pública

Fundação
Carlos Chagas

Itaú Social

“Acredite no seu valor e prove a você mesmo que todos os sonhos são possíveis de alcançar!”

ALUNAS DO NOSSA S^a APARECIDA